

NELSON SCHNEIDER TODT

**A MATURAÇÃO BIOLÓGICA E
A SELEÇÃO DE ATLETAS NO MINIBASQUETEBOL**

Dissertação submetida como requisito parcial
para a obtenção do grau de Mestre em
Ciências do Movimento Humano,
Escola de Educação Física,
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Xavier de Vargas Neto

Co-Orientador: Prof. Dr. Adroaldo Cezar Araujo Gaya

PORTO ALEGRE

2001

FICHA CATALOGRÁFICA

Todt, Nelson Schneider

A Maturação Biológica e a Seleção de Atletas no Minibasketebol / Nelson Schneider Todt – Porto Alegre: UFRGS, 2001.

107 f.

Diss. (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Mestrado em Ciências do Movimento Humano.

1. Basketball 2. Sports Introduction 3. Biological Maturation

AGRADECIMENTOS

Quero expressar meus agradecimentos de forma especial e sincera a todas as pessoas que participaram, de forma direta ou indireta, deste trabalho:

Prof. Dr. Francisco Vargas Neto, especialmente por incentivar e acreditar na realização deste trabalho e oportunizar meu reencontro com este tema maravilhoso.

Prof. Dr. Adroaldo Cezar Araújo Gaya pela competência profissional e pelo apoio inestimável.

Prof. Dr. Aírton da Silva Negrine, por incentivar meu retorno à vida acadêmica e acreditar em minhas potencialidades.

Coordenador do Curso de Mestrado em Ciências do Movimento Humano, Prof. Dr. Vicente Molina Neto, pelo seu exemplo de simplicidade e apoio em momentos difíceis da execução deste trabalho.

Prof. Ms. Marcelo Cardozo e Prof^a Lígia Pereira Leite de Matos Todt, pelo assessoramento, competência e desprendimento.

Quadro docente do Curso, em especial aos Profs. Drs. Benno Becker Júnior, Élio Salvador Praia Carravetta, Flávia Meyer, Francisco Camargo Netto, Jorge Luiz de Souza e Mário Roberto Generosi Brauner.

Pessoal de apoio do Curso, especialmente a Rosane Amaro Lopes, Márcio Amaro Müller e Ana Lúcia Larratea, pela disponibilidade em ajudar.

Clubes, Técnicos, Pais e Atletas das equipes finalistas do Campeonato Gaúcho de Minibasquetebol de 1999, elementos essenciais para a busca dos questionamentos deste trabalho.

Presidente Carlos Nunes e todos os colaboradores da Federação Gaúcha de Basketball.

CAPES, que durante um semestre me ajudou com uma bolsa de estudos.

Meus pais Arnoldo e Nara (“in memoriam”) que me deram vida e amor.

Minha família (em especial minha esposa Luciane, meu filho Victor e Vó Clélia) e amigos (em particular ao Prof. Ms. Roberto Mesquita, pelo grande incentivo) que compartilham suas vidas e amor comigo.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS, QUADROS, GRÁFICOS, FIGURAS E ANEXOS	VI
RESUMO	VIII
ABSTRACT	IX
INTRODUÇÃO	1
1. PROBLEMA, OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA	6
2. MARCO TEÓRICO	15
2.1. O Desenvolvimento Infantil e a Iniciação Esportiva	16
2.2. As Dimensões do Esporte Infantil	22
2.3. Os Modelos Esportivos e o Objetivo das Competições para Crianças	37
2.4. O Crescimento e a Maturação Biológica	45
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	54
3.1. População e Amostra	54
3.2. Descrição Metodológica: Método de Abordagem	55
3.3. Definição Operacional de Variáveis	57
3.4. Instrumentos de Medida	57
3.5. Procedimentos de Coleta de Dados	62
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	64
5. CONCLUSÕES	73
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
ANEXOS	85
BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA	89
LISTA DE TABELAS, QUADROS, GRÁFICOS, FIGURAS E ANEXOS	

TABELA 1: Perfil do estadiamento puberal por clube _____	64
TABELA 2: A maturação biológica como elemento no processo de planejamento dos treinos _____	67
TABELA 3: Frequência de atletas selecionados e não-selecionados em cada nível maturacional _____	68
QUADRO 1: Razões usualmente utilizadas por diferentes profissionais em relação aos benefícios das atividades físico-desportivas _____	20
QUADRO 2: Número de crianças e jovens envolvidos em programas no desporto escolar e/ou no desporto de recreação e desporto de rendimento no Brasil _____	39
GRÁFICO 1: A idade biológica de alunos e alunas com idade calendária média de 12,9 anos _____	50
GRÁFICO 2: Estadiamento puberal dos atletas da amostra ____	66
GRÁFICO 3: Atletas selecionados e não-selecionados por nível maturacional _____	70
FIGURA 1: Modelo multifatorial da especialização esportiva precoce de Krebs _____	31
FIGURA 2: Três meninos de 14 anos em diferentes fases da puberdade _____	47

ANEXO 1: Tabela de Tanner para desenvolvimento puberal (Pêlos Pubianos) - sexo masculino _____	85
ANEXO 2: Entrevista semi-estruturada dos técnicos das equipes finalistas do Campeonato Gaúcho de Minibasquetebol / 1999 _____	86
ANEXO 3: Autorização dos pais para a realização do Teste de Tanner para definição do estágio de desenvolvimento dos pêlos pubianos _____	87
ANEXO 4: Algumas considerações sobre as regras do Minibasquetebol _____	88

RESUMO

Este trabalho tem como objeto principal investigar o nível da maturação biológica e o processo de seleção dos atletas de minibasquetebol. A amostra é constituída por 43 minibasquetebolistas do sexo masculino, com idades entre 11 e 12 anos, pertencentes às quatro equipes finalistas do Campeonato Gaúcho de Minibasquetebol de 1999. Para avaliar o nível de maturação biológica dos atletas, utilizamos o Teste de Tanner que determina o grau de desenvolvimento da característica sexual secundária - pêlos pubianos. O método utilizado é o da auto-avaliação, conforme descrito em MATSUDO & MATSUDO (1991). Para identificar a presença do aspecto maturação biológica, nos planejamentos de treinos e participação em competições, elaboramos um instrumento em forma de questionário, respondido pelos técnicos das equipes participantes da amostra. Para definir quais os critérios utilizados para a seleção dos atletas, preparamos uma entrevista semi-estruturada feita com os técnicos.

Verificamos que, na determinação do nível de maturação biológica dos atletas, a concentração de freqüência é mais elevada no nível P3 que, junto com o nível P4 representam 74,4% da amostra, indicando como característica importante do grupo um estágio de maturação continuada. Os técnicos referem no questionário que não levam em consideração o aspecto maturacional biológico dos atletas na elaboração dos trabalhos juntos aos mesmos. Através da entrevista com os profissionais, constatamos que o desempenho técnico é o principal critério por eles utilizado para a seleção dos atletas. A principal conclusão deste estudo sugere que os atletas selecionados alcançam tal posição por apresentarem condição de maturados ou pós-maturados.

ABSTRACT

This research aims to investigate the biological maturation level and the minibasketball players selection process. 43 minibasketball young boys players, with 11 and 12 years old, constitute the sample, which belong to the 1999 minibasketball gaúcho championship best four teams. In order to value the athlete biological maturation level, we used the Tanner Test which determines the secondary sexual characteristic development degree – pubic hair. The self-assessment method is used, according described in MATSUDO & MATSUDO (1991). In order to identify the presence of the biological maturation aspect in the practices planning and participation in competitions, we elaborated an instrument in questionnaire form, answered by the teams coaches who belong the sample. In order to define which the criteria established for the athletes' selection, we prepared an interview answered by the coaches. We verified that in the determination of the athletes' biological maturation level, the frequency concentration is higher in the P3 level, which plus P4 level represent 74,4% of the sample, indicating a group important characteristic a continuous maturation stage. According with the coaches, answered in the questionnaire, they don't use to take in account in the plans, the athletes' biological maturational aspect. Through the interview with the technicians, we show up that the technical performance is the main criterion for the athletes' selection. The main study conclusions suggest that the selected athletes reach such a position because they are in the maturates condition or post-maturates.

INTRODUÇÃO

Escrever sobre o basquetebol, antes de qualquer coisa, é falar um pouco da minha experiência no mundo esportivo. Significa falar um pouco da minha história de vida. Por outro lado, compor uma dissertação científica sobre esta prática, para além da responsabilidade inerente à tarefa, me remete a um sentimento de retribuição a um esporte que foi importante em minha vida, inclusive interferindo na opção profissional que fiz ao cursar a licenciatura em Educação Física e chegar a este programa de Mestrado. Daí a gratidão por esse esporte e a necessidade de, nesta introdução, colocar estas experiências como motor de minha motivação.

Minha primeira experiência nesta atividade foi na praça Ramiro Souto, onde a Prefeitura Municipal de Porto Alegre desenvolvia um trabalho de iniciação ao basquetebol. Participei então, de um grupo muito heterogêneo. Na época, com 10 anos de idade, não me foi possível acompanhar as atividades propostas. Mas, não desisti. Um ano depois, retornei à Praça para uma nova tentativa. A situação, então, era outra, o grupo era formado apenas por alunos entre 11 e 12 anos (categoria minibasquetebol). Este primeiro contato com treinamentos e competições

foi muito positivo, pois tive técnicos que me permitiram um desenvolvimento tranquilo nas diversas situações que vivenciava. Todavia, dos 12 aos 16 anos tentei jogar em um clube, sem sucesso porém, pois não me foi dada oportunidade de experiência. Ainda com uma forte paixão pelo basquete participei, dos 16 aos 18 anos de idade, da *Seleção* do Colégio Cruzeiro do Sul. Esta experiência também foi muito tranquila e possibilitou que eu participasse de uma equipe de competição. Minha participação como atleta encerrou-se na equipe adulta da Escola de Educação Física do Instituto Porto Alegre (IPA), onde joguei por um ano.

Já como acadêmico de Educação Física, ainda muito motivado com o basquete, trabalhei pela primeira vez como técnico no Petrópole Tênis Clube, onde tive a oportunidade de dirigir as equipes das categorias pré-mini (09 e 10 anos) e mini (11 e 12 anos), e de preparar os alunos que entravam nas escolinhas¹ de basquetebol. Neste período foi possível observar o outro lado da Iniciação Esportiva. Não tive uma boa referência por parte de muitos dos profissionais que dirigiam as equipes de iniciantes. A pressão exercida sobre as crianças pela exigência de

¹ O termo "escolinha" é utilizado na área da Educação Física para denominar os grupos de iniciação esportiva em clubes, escolas, associações, praças, etc.

resultados imediatos, principalmente por pais, professores e dirigentes, muitas vezes era demasiada. Ao deixar o Clube organizei, como Sócio-Diretor, a Bolaviva-Esportes, uma empresa privada que atuava em escolas de Porto Alegre (Cruzeiro do Sul, Nossa Senhora de Lourdes, Santa Cecília, Maria Imaculada e Bom Conselho). Durante nove anos trabalhei com crianças² e jovens entre 06 e 14 anos de idade, procurando estabelecer um programa de Iniciação Esportiva diferente daquele que tive como modelo predominante, ou seja, educar através do esporte, buscando respeitar a individualidade das crianças.

Por fim gostaria ainda de mencionar o trabalho que realizei por doze anos na Seleção masculina de basquetebol do Colégio Cruzeiro do Sul (15 a 18 anos), trabalho este que foi a continuação das propostas e do programa realizado na Bolaviva-Esportes.

Uma outra experiência digna de referência é a participação como membro da Academia Olímpica Brasileira³ a partir de 1999 quando estive representando nosso país na Sessão para Jovens

² Para este trabalho determinamos o termo "criança" para pessoas com idade cronológica até 12 anos.

³ A Academia Olímpica Brasileira (AOB) é um órgão do Comitê Olímpico Brasileiro que tem por objetivo o desenvolvimento da Educação Olímpica por meio de estudos e pesquisas no Brasil e por via de intercâmbio com entidades similares no exterior. Para cumprir seu propósito a AOB integra a rede de Academias Olímpicas Nacionais, lideradas pela Academia Olímpica Internacional, sediada em Olímpia e Atenas na Grécia.

Participantes da Academia Olímpica Internacional⁴. Esse acontecimento também contribuiu no direcionamento dos estudos aos ideais Olímpicos. Assim, pesquisando as questões relativas ao Olimpismo, busquei aproximar minhas concepções sobre a Iniciação Esportiva das características do esporte⁵ contemporâneo.

Destaco como de significativa importância a oportunidade que tive de cursar a especialização em Psicomotricidade Relacional (Centro Universitário La Salle) onde uma disciplina envolveu questões pertinentes ao esporte e à saúde. Desta forma senti revigorada minha busca pelas respostas a um conjunto de indagações que foram decisivas na definição do tema de desta dissertação.

Enfim, estruturei o trabalho da seguinte forma:

Capítulo um - delimitação do estudo, especificando o problema, os objetivos e a importância desta pesquisa;

⁴ A Academia Olímpica Internacional é um centro para estudos e pesquisas relacionadas ao Movimento Olímpico, criado pelo Comitê Olímpico Internacional com o objetivo de promover a filosofia do Olimpismo e perpetuar os valores do mesmo.

⁵ As expressões esporte e desporto significam: atividades que buscam um determinado rendimento, desde o recreativo ao de alta performance, pressupondo algumas condições para o seu desempenho. Para VARGAS NETO (1995), estas palavras têm o mesmo significado. As diversas origens trouxeram diferentes denominações para as mesmas.

Capítulo dois - diversas perspectivas teóricas, com conceitos, relações entre os autores, debates, posições opostas e comentários deste autor;

Capítulo três - âmbito metodológico norteador desta investigação: método de abordagem, questões de pesquisa, caracterização da amostra, instrumentos utilizados e procedimentos de coleta de dados;

Capítulo quatro - resultados e discussões a cerca das áreas investigadas e sua relação com as teorias apontadas no marco teórico;

Capítulo cinco - síntese da análise dos resultados;

Capítulo seis - considerações finais e propostas para o estabelecimento de uma política esportiva alternativa para uma melhor adequação da criança de 11 a 12 anos no contexto da Iniciação Esportiva.

1. PROBLEMA, OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA

Ao longo de tantas experiências, alguns questionamentos são discutidos com vários profissionais do basquetebol e de outras modalidades esportivas.

A preparação de jovens atletas é uma etapa muito complexa dentro da Iniciação Esportiva. Centra sua atenção nas relações interpessoais, examinando o esporte a partir do ponto de vista psicológico e motor: o jogo⁶, seus objetivos, funções, meios, treinamentos, a comunicação no grupo, os tipos de vínculos que se estabelecem entre jogadores, técnicos, dirigentes, familiares e torcedores, além das próprias instituições.

Autores como BAYLEY (1977), ZAICHKOWSKY e MARTINEK (1980), CRATTY (1986), KEOGH e SUDGEN (1985), McCLENAGHAM e GALLAHUE (1985), RUIZ (1987), destacam que o controle e a avaliação da aptidão física infantil são muito úteis como meio de obter informações sobre a “capacidade de trabalho” das crianças

para poder oferecer-lhes, então, oportunidades adequadas a suas situações particulares, já que a prática de atividades físicas e a aptidão física caminham juntas.

Pediatras, psicólogos e educadores concordam com os benefícios das atividades esportivas na infância, ao mesmo tempo fazem reparos ao aspecto, muitas vezes, excessivamente competitivo dessa prática (DURAND apud PÉREZ, 1992, p.12). I SANT (1992, p.28) sintetiza bem essa idéia dizendo que "o esporte não é para a criança nem bom nem ruim, tudo depende de como ele é praticado". Esta posição é reforçada por outros autores como BENTO (1989), BECKER JR. & TELÖKEN (2000) e VARGAS NETO (2000).

O crescente aumento da participação infantil no esporte é um fenômeno constatado em todos os países industrializados, mas, junto com este aumento da participação infantil nos esportes, destaca-se o fenômeno do abandono precoce (*burn-out*⁷ ou *drop-out*⁸), antes mesmo da pré-adolescência ou da adolescência (DUDA, 1989, PÉREZ, 1992,

⁶ Jogo é a atividade física ou mental organizada por um sistema de regras que definem a perda ou o ganho. Brinquedo, passatempo, divertimento (FERREIRA, 1988).

⁷ Consideramos o *burn-out* como um afastamento definitivo do esporte. É definido como o afastamento físico, psicológico e emocional do esporte, resultado do estresse crônico (SMITH apud GOULD, 1987).

⁸ O *drop-out*, diferente do *burn-out*, é considerado por nós como o afastamento de uma modalidade esportiva, muitas vezes com a opção de escolha por outra modalidade. Resulta da mudança de interesses ou de uma reorientação de valores (SMITH apud GOULD, 1987).

SCANLAN & SIMONS, 1995, FELIU, 2000, GARCÍA, 2000, GORDILLO, 2000). Os autores EWING & SEEFELD (1989) afirmam que dos 13 anos em diante há uma redução da participação no esporte, e aos 18 anos essa redução é crucial. Um estudo de RAGLIN & MORGAN (apud BECKER JR., 2000, p.23) refere que 47% de crianças experimentaram o *burn-out* durante sua vida esportiva, destas, 87% relatam que esse foi o pior sofrimento que vivenciaram nesse período.

Algumas investigações realizadas nos Estados Unidos revelam que a participação de jovens no esporte declina, dramaticamente, entre os 11 e os 13 anos (PETLICHKOFF, 1996). ROBERTSON (apud PETLICHKOFF, 1996) avaliou as razões para o abandono de uma amostra de 353 meninas e 405 meninos, de 12 anos, antigos atletas na Austrália, e concluiu que cerca de 40% da amostra citou razões como aborrecimento, ausência de divertimento e falta de tempo de jogo.

As conclusões apontadas por estudos realizados em vários países invariavelmente são os mesmos: "só uma percentagem muito reduzida de campeões em idade jovem chega a campeão na idade de altos rendimentos" (MARQUES, 1997, p.23).

O modelo esportivo dos adultos é muitas vezes levado também para as crianças. Ao mesmo tempo em que este modelo as atrai pelo alto

nível da competição⁹, outras vezes as afasta por fatores como excesso e rigidez de exigências advindas deste tipo de competição. Para CRATTY (1984) é provável que as tensões da competição exerçam uma influência mais profunda ainda sobre a personalidade da criança do que sobre os adultos quando expostos a uma quadra atlética. Esta também é a opinião de MARQUES ([198-]) ao referir-se à adoção de modelos de preparação esportiva de adultos incompatíveis com a preparação esportiva de crianças e jovens em processo de maturação. MARQUES ressalta que os resultados são forçosamente maus para o atleta, para o desporto de rendimento e, por conseguinte, para o desporto em geral, pelas desconfianças que geram. O mesmo autor ainda refere que: "os erros cometidos em nome de interesses inconfessos e aqueles cometidos por falta de preparação pedagógica e científica têm saído muito caros". Reforçamos estas posições com I SANT (1992, p. 26) que expõe seu pensamento dizendo que: "as práticas institucionalizadas de atividades físico-esportivas entre crianças e jovens, que tiveram sua origem recente nas escolas de ginástica do século XVIII, ainda hoje, quase que na totalidade dos eventos esportivos, competições e treinamentos para

⁹ É o ato ou efeito de competir. Busca simultânea, por dois ou mais indivíduos de uma vantagem, uma vitória, um prêmio, etc. (FERREIRA, 1988).

crianças, são estruturados tendo como modelo os programas de competição para adultos".

Assim, através deste trabalho alguns subsídios poderão contribuir para a elaboração de programas de Iniciação Esportiva, mais especificamente naqueles voltados para o basquetebol. Alguns dos principais aspectos da dinâmica individual e grupal das partes envolvidas com a prática esportiva visam ampliar o esquema referencial que serve de base para o ensino e treinamento, assim como a organização das competições.

Estes são os objetos deste estudo que pretende discorrer sobre o seguinte **problema**: *O nível de maturação biológica dos atletas de minibasquetebol é levado em consideração pelos técnicos na seleção de atletas e na estruturação dos seus programas de treino e competição?*

Para responder ao problema desta dissertação estabelecemos o seguinte **objetivo geral**: *Investigar se os técnicos levam em consideração a maturação biológica dos alunos, na organização dos trabalhos de treinamento e competição na Iniciação Esportiva.*

Os **objetivos específicos** que procuram, referir-se ao aspecto maturação biológica, estruturação de treinos e competições realizadas no minibasquetebol, são apontados a seguir:

- *Identificar o perfil de maturação biológica de crianças de mesma idade cronológica (11 e 12 anos de idade) praticantes de minibasquetebol;*
- *Identificar o processo habitual adotado pelos técnicos na seleção de atletas no minibasquetebol;*
- *Verificar se há relação entre a variável maturação biológica e o processo habitual de seleção esportiva do minibasquetebol.*

GOULD (1987) estima que algumas centenas de milhões de jovens estão em atividades esportivas no mundo. O valor educativo e cultural do esporte na atualidade é plenamente reconhecido como, da mesma forma, sabemos que o esporte é um dos fenômenos sociais mais importantes do século XX (CRUZ apud VARGAS NETO 2000). VARGAS NETO (2000, p.44) vai ainda mais longe referindo que: "o esporte permeia tudo e está presente em todos os momentos do cotidiano das pessoas".

MARQUES & OLIVEIRA (2000, p.1) salientam que: "a popularidade do desporto infanto-juvenil está bem expressa pela crescente adesão de crianças e jovens a programas de treino organizados".

Entretanto, o envolvimento de jovens atletas em processos de treino especializados e intensos, tendo em vista a obtenção de rendimentos elevados e a participação em competições de elevado nível, tem causado crescente preocupação entre a comunidade ligada às ciências do desporto. Para MARQUES & OLIVEIRA (2000, p.1) é claro o interesse da comunidade científica pelas questões ligadas ao treino de sujeitos deste grupo populacional, haja vista o incremento do número de comunicações sobre estas questões apresentadas em congressos internacionais na área das ciências do desporto e as declarações relevantes sobre o tema de organizações internacionais ao longo da década de 90.

Atualmente muitos clubes no estado do Rio Grande do Sul adotam metodologias de treinamento esportivo dentro de uma proposta competitiva, ocasionando muitas vezes como já referimos, por parte dos praticantes, o abandono precoce do esporte ou até mesmo de qualquer atividade esportiva. Muitas vezes esta situação é agravada por não serem levados em conta os diferentes níveis de maturidade biológica dessas crianças. Queremos destacar a relevância desta questão, pois acreditamos que este fato é um indicativo de um trabalho de Iniciação Esportiva excludente e conseqüentemente prejudicial.

Consideramos que a escolha deste estudo, que relaciona as competições e treinamentos para minibasquetebolistas com alguns fatores como o fenômeno do crescimento que ocorre na puberdade e o aspecto formativo do esporte, encontra sua principal **justificativa** nos seguintes aspectos:

- *Existem poucos dados relativos ao segmento da população atlética brasileira relacionados com as práticas do minibasquetebol;*
- *É pouco freqüente encontrarmos estudos sobre as características biológicas dos atletas de minibasquetebol, ou seja, dos diferentes níveis de crescimento dessa população.*

Em conseqüência, evidenciam-se dificuldades para o estabelecimento de projetos que contribuam para a formação dos atletas na Iniciação Esportiva.

Portanto, consideramos adequado configurar o diagnóstico do nível de desenvolvimento maturacional, com referência à prática do minibasquetebol, pois viabilizará a proposição de indicadores que permitam a formulação de propostas para a Iniciação Esportiva, mais especificamente do basquetebol.

Além do quadro diagnóstico que resulta desta pesquisa ela oferece elementos de ordem técnica e pedagógica que possibilitam:

- Proposição de instrumento válido e fidedigno de aplicação coletiva que avalie o nível de “maturação biológica”;
- Estabelecimento de indicadores de avaliação das propostas dos programas de Iniciação Esportiva quanto à sua efetividade.

No que se refere à produção de conhecimento, esta pesquisa busca dar origem a programas de treinamento e competição que permitam a compreensão da complexidade do objeto de estudo das atividades esportivas, e a orientação para o desenvolvimento integral desses atletas.

2. MARCO TEÓRICO

A compreensão da necessidade da existência de embasamento teórico para explicar o estudo que foi realizado é fundamental, por isso apresentamos a seguir nossa posição perante as diversas questões que envolvem a Iniciação Esportiva juntamente com a de outros autores.

O treinamento para crianças existe há muito tempo. Segundo HAHN (1988), o treinamento para o rendimento esportivo das crianças gerou má fama ao esporte, desencadeando de forma muito emocional uma discussão controversa ao longo dos tempos.

MARQUES ([198-]) considera que não é possível entender o desporto de rendimento e os mecanismos de enquadramento da preparação dos jovens talentos esportivos, sem compreender a necessidade de todas as crianças iniciarem um processo de preparação esportiva, no seu sentido unitário de educação e formação, já nos níveis de escolaridade inicial. Desconhecer esta realidade e pretender ignorá-la pode comprometer, de alguma forma, o futuro esportivo da criança.

ZILIO (1994) observa que o esporte pode ser considerado como um fim em si próprio, quando tudo converge para a obtenção da melhor performance, e também pode ser considerado como um dos meios da Educação Física e, por extensão, da Educação. No primeiro caso ele é chamado esporte de alto nível e, no segundo, de esporte de formação.

Desta forma recai sobre os técnicos maior responsabilidade pedagógica e uma obrigação moral ao “treinar” crianças. Esta é a principal discussão desta parte do trabalho.

2.1. O Desenvolvimento Infantil e a Iniciação Esportiva

O tema Iniciação Esportiva, na opinião de MENENDÉZ (1988), gera a todo o momento perguntas deste gênero: quando, por quê, para quê e como?

Estudos, como o de KREBS, que relacionam o Desenvolvimento da Criança com a Especialização Esportiva Precoce levam a identificar, em referencial teórico, a significativa interação do desenvolvimento da criança com a atividade/modalidade física (MACIEL, COPETTI, CORSEUIL, [198_]).

Em sua abordagem da dimensão corporal da atividade lúdica, LE BOULCH (apud VARGAS NETO, 1998 - aportes de aula) diz que, no jogo, a criança vive seu corpo de modo simbólico em relação com os demais e com o mundo. A partir da experiência do corpo vivido, como totalidade e carregado de todo um conteúdo emocional, surgem as diferentes funções mentais. Esta experiência corporal da criança, no jogo, não deve ser desvalorizada pelo adulto. Esse é o perigo de julgar o jogo da criança com critérios de adultos. Para favorecer o desenvolvimento da criança, consideramos que é preciso ver em sua

atividade lúdica o mesmo tipo de atividade criadora necessária para a expressão de sua personalidade.

Os relacionamentos com o outro são dominados pela satisfação de duas necessidades complementares, mas fundamentais da criança: necessidade de segurança e necessidade progressiva de autonomia. Vinculados à satisfação das necessidades que proporcionam prazer ou desprazer, esses laços com o outro são vividos essencialmente de modo tônico-afetivo. Se a atividade corporal permite à criança relacionar-se com quem convive, também faz com que ela experimente os efeitos disso, pois é sabido o quanto a criança é sensível às tensões apresentadas pelo adulto.

A aparição do movimento como elemento de relação social também é abordado por JIMÉNEZ (1992, p.19) que, citando WALLON e AJURIAGUERRA, refere-se ao diálogo tônico: "a tonicidade geral da criança não só antecipa e promove movimentos e ação, como suscita ressonâncias emocionais e afetivas. É desta forma que se supõe a via de organização psicossocial desde a atividade física e o esporte".

Devemos considerar também a importância das dimensões sociais e ambientais nos estudos do desenvolvimento motor. O desejo de

exploração, as oportunidades de ação e o contato com materiais, assim como o modelo familiar, deixam suas marcas nas crianças.

VÁZQUES (1992) salienta que o esporte proporciona experiências importantes na infância, independente das condições e situações pessoais. Não é uma atividade agregada ou somente de entretenimento, ela favorece a aptidão física, o desenvolvimento perceptivo-motor, assim como o desenvolvimento social e moral.

Os modelos de ação e os primeiros interesses pela prática de atividades físicas são dos pais, irmãos ou ainda de parentes mais próximos. As atitudes dos pais, referente aos esportes, são fatores fundamentais na busca da prática desportiva pela criança (ORLICK, 1972). Desta forma podemos compreender o quanto é importante a reflexão sobre os modelos de atividade física e esportiva que apresentamos às crianças, bem como a adequação dessas atividades e a igualdade de oportunidades de participação que lhes são oferecidas.

Mas afinal, qual é o papel do esporte no desenvolvimento infantil? É comum aceitarmos o papel positivo das atividades físicas e esportivas no processo de crescimento e como meio de incremento do desenvolvimento funcional da criança. CAGIGAL (1979) afirma que as atividades físicas não só são importantes, senão necessárias para um

crescimento sadio, contribuindo também na formação da personalidade das crianças. VARGAS NETO (2000, p.47) fortalece esta idéia: "se trata de aplicar ao menor um modelo de esporte que não busque o êxito pelo êxito, nem futuro nem imediato, e que esteja adaptado às necessidades, características e possibilidades reais de seus praticantes". (ver Quadro 1).

No início, o esporte é para a criança um importante meio que favorece o desenvolvimento da competência motriz infantil. Mas isto se dá somente enquanto o esporte é desejado pela criança e organizado de forma sensível pelos adultos. Pensamos que, freqüentemente, estas características se perdem quando o esporte começa a ser desejado apenas pelos adultos, que vêm um meio de minimizar suas frustrações, utilizando as crianças como um meio de alcançar seus propósitos.

Quadro 1: Razões usualmente utilizadas por diferentes profissionais em relação aos benefícios das atividades físico-desportivas, (VARGAS NETO, 2000, p.48).

Pais	<ul style="list-style-type: none"> • Uma necessidade psicofísica; • Novas amizades; • Ambiente sadio; • Afasta de atividades inadequadas.
Médicos	<ul style="list-style-type: none"> • Melhora a saúde de forma geral; • Combate a “degeneração hipocinética”; • Como prevenção nas doenças cardiovasculares.

Nutricionistas	<ul style="list-style-type: none"> • Coadjuvante no tratamento da obesidade; • Manutenção do peso adequado.
Fisioterapeutas	<ul style="list-style-type: none"> • Importante elemento reabilitador nas doenças do aparelho locomotor.
Educadores	<ul style="list-style-type: none"> • Fomenta: a maturidade, o crescimento, o desenvolvimento e a socialização.
Psicólogos	<ul style="list-style-type: none"> • Elemento preventivo e terapêutico na ansiedade, no estresse e na depressão; • Produz efeitos sobre a cognição, a afetividade e a agressividade.
Professores de Educação Física	<ul style="list-style-type: none"> • Aprendizado esportivo; • Desenvolvimento das habilidades motoras; • Desenvolvimento da capacidade física ou condição biológica.

Nesse sentido, BECKER JR. (2000) e CRUZ (1997) enfatizam que os pais devem ser permanentemente informados da situação, das possibilidades e dos riscos da carreira esportiva dos seus filhos, a fim de poderem acompanhar e apoiar corretamente o seu desenvolvimento.

Este assunto é concernente a pais, educadores, técnicos e dirigentes, já que está nas mãos destes oferecer práticas esportivas que contribuam para o desenvolvimento de experiências positivas para as crianças. Muitas vezes isso não ocorre, pois as crianças ao participarem de competições são pressionadas a ganhar sempre acima do desfrute do esporte. A crítica quando não ganham, a identificação do fracasso

esportivo com o fracasso pessoal ou a imposição de aspirações e metas irreais se sobressaem nesse processo. Mas, se ao contrário:

O esporte se converte em uma experiência enriquecedora e positiva quando se apóia com entusiasmo, quando se oferece uma atitude compreensiva, quando se valoriza o esforço, apoiando quando as coisas não vão bem, quando se felicita de forma sincera ou se evita o sarcasmo, já que as crianças ao participar nos esportes experimentam tanto situações de êxito como de frustração, daí faz-se necessário oferecer uma boa dose de apoio, amor e ajuda. (PÉREZ, 1992, p.15).

HAHN (1988) também aborda esta questão quando refere que o esporte não é só um campo de atividades de tempo livre, mas também um âmbito que desenvolve de forma objetiva a personalidade.

Desta forma, o movimento e o jogo são elementos do comportamento infantil. Num primeiro momento, não é uma competição, é simplesmente jogo, que é o sentido maior da atividade da criança. O jogo é o motivo fundamental para as suas experiências, descobertas, aprendizagens e condição estruturante do seu desenvolvimento (MARQUES, 2000a).

Como ocorre em todos os níveis da vida humana, é na infância que se desenvolvem as primeiras tendências a determinados comportamentos concentrados em interesses que, durante a adolescência,

podem se converter em categorias de valor decisivas para a vida futura. Nelas está incluído o esporte.

2.2. As dimensões do Esporte Infantil

A importância crescente do esporte de rendimento tem implicado em processos de especialização cada vez mais acentuados e atingem, no desporto de crianças e jovens, uma dimensão que já começou a ser questionada (MARQUES, [198-]). O esporte de rendimento, aqui considerado, se refere a um tipo de esporte que é sistematicamente treinado com o objetivo da participação periódica em competições esportivas.

Alguns treinadores, muitas vezes, para alcançar o máximo de rendimento que um treinamento intensivo requer, extrapolam com modelos de treinamento próprios para adultos, como se uma criança fosse um “adulto em miniatura”. Já no início da temporada as crianças são submetidas a processos de seleção, vulgarmente chamados de “peneiras”, que vão eliminando a grande maioria para se conseguir um grupo de qualidade. Tudo isto fomentado por uma transposição *mimética*

ao mundo infantil dos valores, dinâmica de competição e regulamentos do adulto.

Alguns itens citados em JIMÉNEZ (1992, p.23), que segundo o autor coincidem com o trabalho de VÁZQUEZ, servem como aspectos característicos do esporte infantil:

- Mimetismo do esporte de adultos - profissional e espetáculo;
- Orientação predominantemente competitiva;
- Seleção esportiva;
- Especialização precoce.

Estes e outros aspectos de caráter social competitivo fazem muitas vezes com que o esporte se converta em uma atividade que gera mais rivalidade e conflitos do que ajuda no crescimento pessoal e no desenvolvimento social. Estas posições acima verificadas, de JIMÉNEZ e VÁZQUEZ, também coincidem com MARQUES ([198-]) que considera o rendimento uma categoria central do desporto, que tende a emergir naturalmente nas modernas e competitivas sociedades industriais e tecnológicas.

Muitas vezes essa situação se traduz por pressão em se conseguir resultados de forma imediata e contribui, assim, para a criação

de um ambiente altamente exigente e orientado muito claramente para o resultado.

Tudo isso ajuda para, que nas competições infantis, se observe com frequência uma excessiva pressão com o objetivo de se ganhar uma partida ou de se conseguir uma marca, desencadeando-se, então, um aumento do comportamento violento e uma carência cada vez mais notável do comportamento esportivo, o *fair-play*¹⁰ (GORDILLO, 2000).

Em contrapartida, temos algumas questões apresentadas em BENTO (1989) que toma uma posição de defesa do desporto de rendimento para as crianças, aponta para as críticas quanto à participação infantil nesse nível de competição e treinamento para a obtenção de rendimentos elevados, que ignoram, por completo, a dialética entre o desenvolvimento da criança e as exigências que lhe são colocadas. Com a preocupação obsessiva de querer proteger a criança de exigências elevadas, esses críticos esquecem que o perigo da insuficiência de exigências é muito maior que o perigo da sobrecarga, esquecem que as crianças, para um desenvolvimento corporal ótimo, necessitam de impulsos, de estímulos, de cargas e de atividades físicas suficientes.

Essa idéia também é referenciada em MARQUES ([198-]):

Curiosamente esta preocupação com a promoção precoce dos jovens talentos tem sido contestada por quem, não tendo uma correta visão do problema, bloqueado por concepções 'pedagogicistas', reivindica proteger a criança e, por outro lado, a defesa desta precocidade, tem sido adotada por aqueles que dizem que sem riscos não há progressos em qualquer domínio da vida, como se o risco pudesse basear-se em decisões mal refletidas.

As crianças têm uma necessidade natural de confrontar as suas forças com as mais diversas oposições e de as comparar com as dos outros. Dessa forma, a procura pelas crianças de rendimento em atividades esportivas deve ser vista positivamente, como já referido na introdução. Com respeito a esta citação que questiona a forma que muitos profissionais atacam o esporte de rendimento, vale ressaltar: o esporte não é para as crianças nem bom nem mau, tudo depende de como ele é praticado (MARQUES, [198-]; BENTO, 1989; BECKER JR., 2000).

Na opinião de MARQUES ([198-]), a valorização política e social do desporto, especialmente o de alto rendimento, teve como

¹⁰ A expressão *fair-play* quer dizer jogo limpo. Já em francês, o jogador descrito pelo *fair-play* é aquele que joga bem, elegantemente, com boa graça e preocupado em fazer o jogo limpo, demonstrando seu prazer e sua beleza, acima de vencer a todo custo (TAVARES & DACOSTA, 1999).

conseqüência a preocupação de encontrar, mais cedo, jovens com talento para a alta competição e de prepará-los convenientemente.

A intensificação da especialização na organização das sociedades e na vida do Homem tem conduzido a uma precocidade de especialização.

Concordamos com a seguinte citação de BENTO (1989, p.12): "neste sentido, em vez da especialização demasiadamente precoce, deveriam ter lugar uma estruturação e construção progressiva do rendimento, ajustadas aos níveis de desenvolvimento da criança".

Dentro deste contexto defini-se treino precoce e caracteriza-se tal especialização, referindo suas causas e conseqüências. As expressões Iniciação Esportiva e Especialização Esportiva Precoce apresentam diversas interpretações, daí a necessidade de procurarmos definições que caracterizem bem as nuances de cada uma dessas denominações.

Assim, queremos abordar mais profundamente neste estudo a Especialização Esportiva Precoce (EEP), percebida como prática sistemática de uma única modalidade esportiva, com treinamento intenso e objetivo de rendimento em competições, que ocorre principalmente, entre crianças de 10 a 12 anos de idade. Consideramos a EEP como um

fenômeno multifatorial dependente do nível de crescimento e desenvolvimento da criança.

A literatura nos oferece outros enunciados. Quanto à Iniciação Esportiva, podemos caracterizá-la de muitas formas. A seguir apresentamos algumas destas definições de acordo com I SANT (1992, p.30):

- Iniciação Lúdica - a criança ocupa algumas horas praticando o esporte com o fim de divertir-se e de jogar com os amigos, sendo para ela secundária sua participação em competições. O rendimento e a competição se convertem em elementos complementares e não necessários. O prazer de jogar é prioritário.
- Iniciação Técnica - a criança se integra em um grupo que busca adquirir destreza em determinado esporte, com o fim de estimular suas qualidades potenciais que num futuro possa lhe permitam ascender, se assim o desejar e for importante para ela, ao esporte de elite. Esta forma não está em contradição com a diversão, o prazer, a relação social; mas estas não são suas prioridades.

- Treinamento Especializado Precoce - a criança se integra em um grupo cuja finalidade é alcançar o máximo rendimento possível, mesmo que para isso tenha que sacrificar amigos, família, saúde e estudos.

Na opinião de I SANT, a maioria dos esportes pode ser praticado em qualquer um dos três estágios. Os dois primeiros não apresentam contradições se seguirem programas pedagógicos adequados. Contudo, considera o treinamento especializado precoce nocivo para o desenvolvimento integral da criança.

Alguns autores utilizam outras terminologias para caracterizar este mesmo processo. Destacamos a seguir algumas delas:

- Iniciação Esportiva Precoce - é a atividade esportiva desenvolvida antes da puberdade, caracterizada por uma alta dedicação aos treinamentos (mais de 10 horas semanais) e principalmente por ter uma finalidade eminentemente competitiva (PERSONE apud VARGAS NETO, 1997, p.4).
- Treinamento Especializado Precoce - ocorre quando crianças são introduzidas, antes da fase pubertária, a um processo de treinamento planejado e organizado a longo

prazo, e se efetiva em um mínimo de três sessões semanais com o objetivo de um gradual aumento do rendimento, além da participação periódica em competições (KUNZ, 1994, p.12).

Em MATVEIEV (1983), o autor refere que a especialização precoce permite uma rápida obtenção de resultados, mas limita a sua evolução posterior. Para VARGAS NETO (2000), dificilmente este treinamento é organizado e planejado a longo prazo. Quase sempre ocorre uma falta de planejamento e, quando este existe, normalmente é a curto prazo e busca resultados imediatos.

Não se deve limitar a um posicionamento a favor ou contra a EEP. É claro que essa resposta depende, como já foi referido anteriormente, de como a EEP se dá para cada criança, ou seja, da forma como os diversos fatores apresentados acima atuam sobre ela em diferentes situações. São importantes as definições e ampliação dos estudos nos diversos tipos de Iniciação Esportiva, performance ou competitividade. Outros aspectos que podem ser aprofundados são os de caráter humanista e pedagógico-formativo.

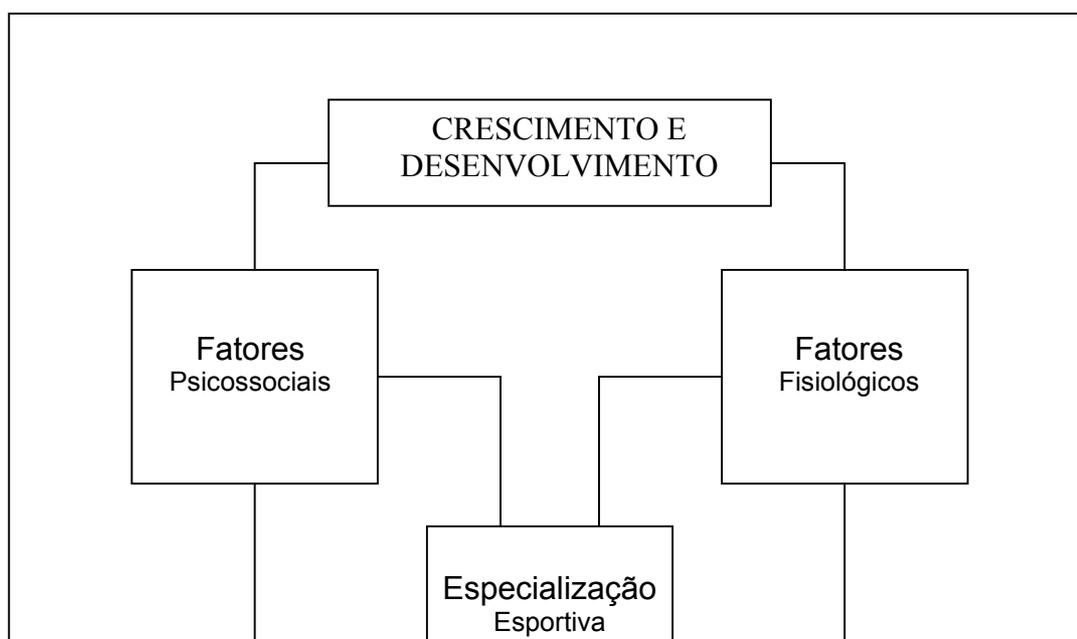
Quando se fala em treino precoce pretende-se obviamente significar que o treino acontece antes do tempo próprio, por isso mesmo,

de uma forma prematura. O treino ou, mais corretamente, a preparação esportiva inicia-se hoje em idades muito baixas, independentemente da natureza ou características da especialidade esportiva.

As posições da ciência e as formulações dos investigadores sugerem que a prontidão esportiva, definida como o estado de aptidão de um indivíduo para realizar uma *performance* (SOBRAL, 1994), tem como suporte uma manifestação complexa de diferentes dimensões: energético-funcional, sensório-motora e psicossocial (MARQUES, 1997).

A importância dos elementos vistos em MARQUES (1997) e MACIEL, COPETTI e CORSEUIL ([198_]), é apresentada num demonstrativo de como se estabelece a relação entre essas variáveis dentro do processo de especialização esportiva precoce (Figura 1):

Figura 1: Modelo multifatorial da especialização esportiva precoce de Krebs (MACIEL, A., COPETTI, F., CORSEUIL, H. [198_], p.222).



- Fatores Psicossociais: evidenciam com maior ênfase o ambiente familiar e outros ambientes onde aparecem o grupo de iguais (principalmente ambiente escolar e ambiente esportivo). Para COAKLEY (1986), só aos 12 anos de idade a criança atinge o estágio do processo de sociabilização que lhe permite participar de relações competitivas formais e sistemáticas. A complexidade com que a criança é capaz de se envolver em tarefas competitivas aumenta, então, com a idade, uma vez desenvolvidos conceitos que a tornam capaz de perceber o

papel dos outros na atividade e coordenar as suas ações com as dos outros. Aqui entra o conceito de *cognitive readiness*, que verifica se as crianças estão ou não psicologicamente preparadas. Parece-nos, no entanto, em acordo com PASSER (1986) e MARQUES (1997), que embora o processo de socialização exerça uma considerável influência no tempo e natureza do comportamento competitivo da criança, as conclusões sobre a idade em que as crianças estão psicologicamente preparadas devem ser entendidas num quadro de referências culturais mais amplo, e as generalizações feitas com cuidado. Assim, este tipo de argumento não deve ser tomado como evidência primordial a favor ou contra o envolvimento da criança no desporto organizado.

- Fatores Fisiológicos (este fator será discutido mais amplamente no item 2.4.): apresentam como maior evidência à performance física diferenciada, considerados a partir da matriz biológica. O estado de prontidão (ver *readiness* no item 2.4.) para o desporto é biologicamente definido como o equilíbrio entre, por um lado, os níveis de

crescimento, maturação e desenvolvimento de uma criança e, por outro lado, as tarefas e exigências apresentadas pelo desporto competitivo. Há um tempo ideal para a entrada no desporto competitivo? A variação individual no crescimento, maturação e desenvolvimento é grande e não há, por isso, uma resposta simples.

- Fatores Biomecânicos: apresentam vínculos com padrões de movimento, relações de força e magnitude. Estão relacionados diretamente com o crescimento. O estado de “prontidão motora” constitui outra referência importante para a participação competitiva. Os estudos sobre a organização do crescimento e de como este se relaciona com o desenvolvimento e rendimento motor, têm sido abundantes ao largo da história (MALINA, 1980; BECERRO, 1989). Estes estudos têm permitido um melhor conhecimento dos diferentes momentos da transformação biológica que as crianças atravessam e da relação das atividades físicas com o crescimento e a maturação física (RARICK, 1973). Quanto ao desenvolvimento motor, podemos dizer que ele está relacionado diretamente com o

processo de aquisição da capacidade de mover-se, do desenvolvimento dos padrões e habilidades motoras que permitem, então, uma interação eficiente com o mundo em que vive. O desenvolvimento motor é, portanto, um processo contínuo de mudança no qual se combinam variáveis internas maturacionais com as experiências e aprendizagens recebidas ao longo da vida (RUIZ, 1987; PÉREZ, 1992).

- Fatores de Aprendizagem: demonstram a transição dos aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores na ação pedagógica da Especialização Esportiva. PASSER (1986) refere que as capacidades cognitivas racionais da criança só lhe permitem um entendimento maduro do processo de competição a partir dos 10 ou 12 anos de idade.

Tomar conhecimento dessas variáveis e do nível de prontidão para a prática desportiva de uma criança ou de um adolescente supõe na opinião de SOBRAL (1994):

- Conhecer as exigências físicas, motoras e psíquicas dessa prática desportiva;
- Conhecer o estado de crescimento, maturação e

desenvolvimento do indivíduo na sua relação com uma prática concreta;

- Conhecer o contexto de interação entre a prática e a situação sócio-cultural e familiar do jovem desportista.

Algumas dessas variáveis, como ambiente social, fatores psicológicos, funções e estruturas do corpo humano, bem como as teorias de aprendizagem, são fundamentais para a compreensão da EEP.

Estes fatores muitas vezes não são observados, conseqüentemente ocorre um desequilíbrio exagerado entre competidores e até mesmo entre atletas da mesma equipe. Embora crianças mais habilidosas possam servir de referência, somos da opinião que devemos emparelhar as forças, principalmente nas competições, onde equipes menos preparadas, muitas vezes são massacradas pelo escore e pela humilhação. Vencer um adversário demasiadamente fraco não aumenta a auto-estima do vencedor e certamente não contribui no processo de formação de nenhum atleta. E o que é pior, muitas vezes nestas situações de derrotas e fracassos individuais ou coletivos, os técnicos criticam de maneira dura a criança (tanto em competições, quanto em treinamentos) determinando um forte estresse.

Uma possível explicação para o abandono de uma atividade esportiva, na opinião de ROBERTS (apud SCALON, 1998), é a de que há falhas no aspecto educativo, principalmente quando se conserva todo um espírito que valoriza a seleção e a vitória e não se respeita as capacidades e as necessidades individuais. Como já referimos, muitas vezes a criança é levada a competir, mesmo sem estar preparada ou sem que haja um equilíbrio entre os participantes, causando assim uma grande frustração com relação ao esporte entre as perdedoras.

2.3. Os modelos esportivos e o objetivo das competições para crianças

Assistir a um jogo com as grandes estrelas do esporte, participar com amigos em atividades puramente lúdicas e, sobretudo, realizar qualquer atividade física são motivos de grande prazer para qualquer criança. Pôr-se a prova com os outros, sair como vencedor ou perdedor, compartilhar um espírito de equipe, encontrar um meio adequado para o processo de sociabilização, favorecer os processos de crescimento e desenvolvimento, criar uma auto-imagem positiva, amadurecer física e intelectualmente são aspectos que dão sentido à

nossa dedicação à pedagogia do esporte. Dessa forma pensamos que a prática de atividade física e esportiva parece estar entre as prioridades dos pais e também das crianças (BECKER JR., 2000; SCALON, 1998; VARGAS NETO, 1997).

Na atualidade, inúmeras crianças buscam a prática do esporte através de clubes, colégios e escolinhas especializadas (Quadro 2). Sem saber bem uma definição para a palavra esporte, as crianças colocam-no na lista de seus principais interesses.

Como já dissemos no parágrafo anterior, este interesse surge muitas vezes através dos pais que buscam preencher o tempo ocioso dos seus filhos e, também, a partir da grande influência dos esportes de alto nível, principalmente aqueles disputados por ocasião dos Jogos Olímpicos e da Copa do Mundo.

Ligado aos princípios ditados por Pierre de Coubertin e pelos pedagogos do século XIX, o movimento esportivo não se preocupa em refazer um discurso adaptado à nova dimensão, função social e evolução de algumas práticas que alcançam dimensões diferentes e até antagônicas com as postuladas inicialmente (I SANT, 1992). Reputamos importante

ressaltar o Princípio Fundamental n.º 6 da Carta Olímpica¹¹ que estabelece:

O objetivo do Movimento Olímpico¹² é contribuir para a construção de um mundo melhor e mais pacífico, educando a juventude por meio do esporte praticado sem nenhum tipo de discriminação e dentro do espírito olímpico, que exige compreensão mútua, amizade, solidariedade e fair-play. (COI¹³, 1993, p.12).

Julgamos que as palavras Olimpismo, Educação Olímpica, Movimento Olímpico, não estão necessariamente ligadas apenas aos Jogos Olímpicos. Consideramos que é possível uma melhor compreensão do esporte como marco social para as crianças, aliando as idéias da Carta Olímpica e da Carta dos Direitos da Criança no Esporte (ver no capítulo 5) aos valores e realidade desportiva.

Quadro 2: Número de crianças e jovens envolvidos em programas no desporto escolar e/ou no desporto de recreação e desporto de rendimento no Brasil. (MARQUES, 1997, p.12) (modificado pelo autor).

¹¹ A Carta Olímpica é a codificação dos Princípios Olímpicos Fundamentais, Regulamentos e Leis adotados pelo COI, que rege a organização e funcionamento do Movimento Olímpico, bem como dos Jogos Olímpicos (IOC, 1997).

¹² O Movimento Olímpico reúne, sob a autoridade suprema do Comitê Olímpico Internacional, as organizações, os atletas e outras pessoas que aceitam guiarem-se pela Carta Olímpica. A atividade do Movimento Olímpico é permanente e universal. Alcança seu ponto culminante com a reunião dos atletas de todo o mundo em um grande festival de esporte que são os Jogos Olímpicos (COI, 1993).

¹³ O Comitê Olímpico Internacional (COI) é a suprema autoridade do Movimento Olímpico (IOC, 1997).

PROGRAMA	ANO	NÚMERO	NOTAS
Desporto escolar e/ou de recreação	1986	18 milhões	Idades entre 7 e 18 anos
Desporto de rendimento	1986	2,8 milhões	Idades entre 7 e 18 anos

Obs.: A referência utilizada nos quadros originais foi FERREIRA (1986).

Na visão de JIMÉNEZ (1992), a atividade física livre e não dirigida é tão fundamental como a atividade física organizada/esporte no processo de sociabilização que sofremos desde o começo da vida. A natureza do jogo configura-se como uma atividade inteiramente livre, voltada para si mesma, proporcionando aos intervenientes o intenso prazer da liberdade de criação e construção. É importante nesse momento reconhecer as características e diferença entre a prática lúdica informal, que se desenvolve essencialmente ao nível familiar e grupal, e a prática institucionalizada. A esse respeito, JIMÉNEZ (1992, p.21) indica que "o começo em atividades físicas regulares se dá em torno dos 10 e 11 anos. Idade que se encontra na fronteira da infância e o começo da puberdade e adolescência".

Desta forma podemos dizer que o esporte apresenta estas duas faces: uma que o considera como elemento importante de cultura,

integrante de programas educativos, e outra que o vê como um elemento de comparação, seleção e competitividade que conduz, em algumas circunstâncias, a excessos.

Assim BECKER JR. (2000) observa, em certas ocasiões, uma incongruência entre o cotidiano onde vivem como crianças de 11 e 12 anos, e o que se espera delas em suas experiências esportivas, onde são vistas como prodígios. Isto produz resultados negativos. BECKER JR. (2000, p.27), ao citar GERVIS ressalta que: "alguns pais devem ser conscientizados de que a grande maioria dos jovens que praticam esporte nunca será de campeões ou atletas olímpicos, mesmo que eles, pais e treinadores, desejem isso".

O modelo esportivo mais desenvolvido e predominante é rígido, hierarquizado, competitivo e fortemente seletivo. Daí a necessidade de se pensar se este modelo de atividade física está entre os mais apropriados em uma fase de hesitações, insegurança, conflitos e grandes mudanças que caracteriza a infância.

Ressalta-se este pensamento:

Os esportes oferecem às crianças oportunidades de mostrarem sua competência motora e adquirir hábitos que permitam o emprego futuro do seu tempo livre, mas como fonte de enriquecimento pessoal; daí a necessidade de valorizar o positivo - o desfrute pelo jogo - e diminuir o negativo - ganhar a

todo custo - Esta filosofia contribuirá para evitar o abandono precoce de desportistas entre 12 e 14 anos que vivenciam experiências esportivas não satisfatórias. (DURANT apud PÉREZ, 1992, p.14-15).

Muito se discorreu sobre os méritos e os deméritos da participação dos mais jovens no desporto, nas competições desportivas. Tudo o que acontece aos jovens, enquanto estão nas mãos dos seus técnicos, tem inevitavelmente impacto sobre a sua educação e desenvolvimento (LEE, 1999).

Não há desporto sem competição. Quem não gosta de competição não pode gostar do desporto. Não é realista retirar do mundo das crianças, das suas aprendizagens, das suas vivências, um componente tão importante e tão presente no comportamento dos mais velhos e na vida social (LIMA, 2000).

É essencial utilizar melhor a competição na educação da criança, como preparação para a vida. A competição organizada à imagem do desporto dos mais velhos não é, seguramente, uma boa referência. Esta idéia ganha força na seguinte citação:

A criança é forçada à submissão das regras dos adultos: aprendizagem acelerada, preparação em curto prazo, seleção dos melhores, treinos intensos, repetições exaustivas das tarefas, redução das iniciativas individuais, imitações rígidas

dos rituais adultos, supressão da alegria de jogar, inibição do gosto pelo jogo... (LIMA, 2000, p.243).

Este mesmo autor considera que, também no desporto, a principal motivação das crianças afirma-se no desejo de jogar. A grande referência social e cultural da criança é o jogo, tal como ela o vê praticado pelos adultos – o desporto.

O sistema de competições faz a essência que diferencia o desporto de alto rendimento e o desporto dos mais jovens. No primeiro, as estratégias da preparação decorrem da procura de resultados na competição. Esta é a primeira referência dos técnicos. No segundo, a competição decorre das próprias estratégias de treino; isto é, deve ser o resultado orgânico e funcionalmente coerente dos métodos, conteúdos e formas de organização do treino. Dito de uma outra forma, no desporto de alto rendimento a competição é o quadro de referência para a organização do treino; no desporto de crianças e adolescentes a competição deve constituir uma extensão e complemento do treino (MARQUES, 1997).

Qual então o objetivo das competições para crianças nos estágios iniciais da preparação desportiva? Apoiar a formação através da

vivência de experiências adequadas em competições bem organizadas e menos formais, proporcionando oportunidades para a aplicação das aprendizagens. Viver experiências de sucesso e de insucesso, adquirindo valores que lhes servirão na vida futura (BOMPA, 2000). O esforço e o empenho, a alegria e o prazer de fazer coisas bem feitas, de aprender coisas novas – habilidades, técnicas, formas de entender o jogo - de jogar, fazendo outros amigos e companheiros (MARQUES, 2000b).

Na Iniciação Esportiva as competições constituem uma forma de treino com uma carga altamente motivadora. Por isso, devem servir como uma ferramenta educativa e social.

BOMPA (2000) refere que as crianças devem ser encorajadas a fazer o melhor e obter satisfação neste ato. Não como um fim em si mesmo, apenas produzindo campeões, com exigências superiores às suas capacidades e interesses.

Visando apenas o resultado durante as competições, as crianças estarão aplicam suas aprendizagens e não as desenvolvem. Se as aprendizagens não forem adequadamente desenvolvidas antes da sua aplicação, as crianças acabarão reforçando técnicas erradas, favorecendo a aquisição de maus hábitos, difíceis de corrigir mais tarde, consolidando

competências que poderão ser adequadas para o sucesso nos estágios iniciais de desenvolvimento, mas não no alto nível de competição.

Assim, consideramos que o objetivo das competições é o mesmo do treino - a educação e formação dos mais jovens. É preciso, então, assegurar uma maior unidade e coerência entre a competição e o treino.

2.4. O Crescimento e a Maturação Biológica

A infância é a época em que a capacidade de trabalho evolui, muda e se especifica (HUGHSON, 1968). Neste processo de mudança as atividades físicas bem programadas podem contribuir de forma positiva no desenvolvimento infantil (RUIZ, 1987, BAYLEY, 1977).

Na opinião de HAHN (1988), na teoria de treinamento, em regra geral, se faz alusão aos fenômenos de adaptação do esportista na idade adulta. Alguns desses estudos - talvez os menos estudados - tratam da repercussão do treinamento nas etapas pré e pós-adolescentes. Eles nos levam a refletir sobre os modelos de atividade física e esportiva que são apresentados na infância e sua adequação com as idéias de educação e a igualdade de oportunidades educativas e motrizes. Investigações

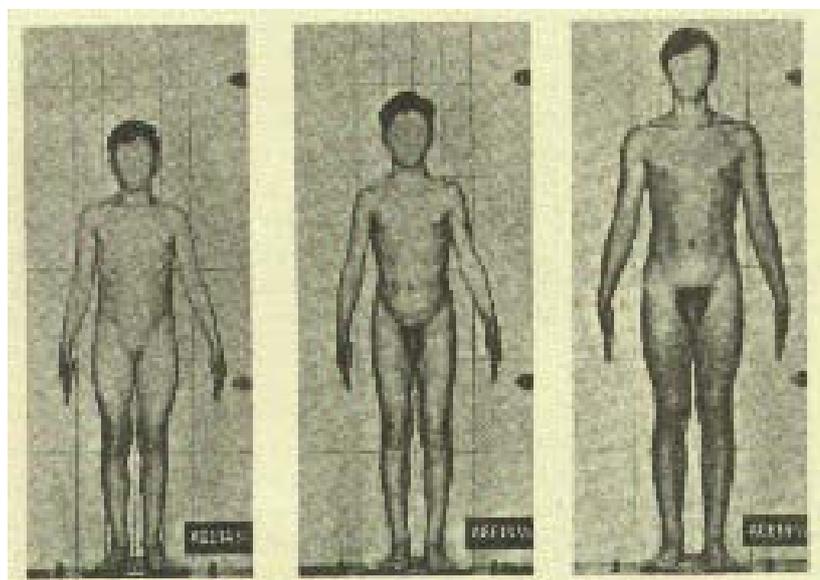
como as desenvolvidas por HERKOWITZ (1980) e GUILMORE (1966) demonstram a necessidade da adequação das atividades motoras na infância, levando-se em conta, principalmente, o crescimento físico, o desenvolvimento perceptivo-motor e as características de aprendizagem das crianças, já que, quando essas premissas se cumprem, as melhoras e o refinamento motor são sensíveis.

BERNSTEIN (1967) refere que a aquisição de habilidades motoras para crianças é um processo complexo que se refina progressivamente. Dentro desta perspectiva PÉREZ (1992) considera que na infância se elaboram numerosos e complexos programas de ação para que as crianças os empreguem em suas atividades lúdicas e desportivas. É o *software* de um sistema cujo *hardware* (seu corpo) está em constante mudança e transformação.

Desde os meses iniciais da vida intra-uterina não há etapa da vida em que ocorra maior diferenciação sexual do que a puberdade. São produzidas mudanças nos órgãos da reprodução, nas características sexuais secundárias, no tamanho e forma do corpo, na proporção relativa entre músculo, gordura e osso e em diversas funções vitais (TANNER, 1986, p.77). Por isso a maturação biológica é um aspecto fundamental a ser observado.

Cada indivíduo tem um relógio biológico inato que regula seu progresso para o estado maduro. O conceito de maturação relaciona o tempo biológico com o tempo calendário. O crescimento e a maturação biológica de uma criança, necessariamente, não se relacionam diretamente com o desenvolvimento calendário ou com a idade cronológica da criança, pois a puberdade começa em diferentes idades em diferentes indivíduos, mesmo naqueles do mesmo sexo (Figura 2).

Figura 2: Três meninos de 14 anos em diferentes fases da puberdade (TANNER apud TANNER, 1986, p.81).



Como podemos perceber na figura acima, meninos de 14 anos, perfeitamente normais, podem achar-se na fase pré-puberal, puberal ou

pós-puberal. TANNER (1986, p.97) considera que: "é manifestamente ridículo considerar os três meninos apresentados como igualmente crescidos física e psiquicamente ou - já que grande parte do comportamento nesta idade está condicionado pelo estado físico - em suas relações sociais". Assim, dentro de um grupo de crianças do mesmo sexo e idade cronológica, haverá variação em idade biológica, ou no nível de maturidade biológica atingido. Este fato é melhor caracterizado durante a pré-adolescência e no pico do crescimento adolescente, mas também é significativa durante a infância. Dentro de um determinado grupo de idade, algumas crianças são avançadas e outras retardadas biologicamente em relação à sua idade cronológica. Em outras palavras, embora duas crianças possam ter a mesma idade cronológica elas, não necessariamente, atingem o mesmo nível de maturidade biológica nesta idade. Elas apresentam variação em estado de maturidade.

O pico desse crescimento depende da natureza e circunstâncias dessa população. Em meninos europeus e norte-americanos de origem européia o ponto alto do crescimento chega por volta dos 14 anos. Assim, os meninos que maduram muito precocemente¹⁴ chegam ao seu

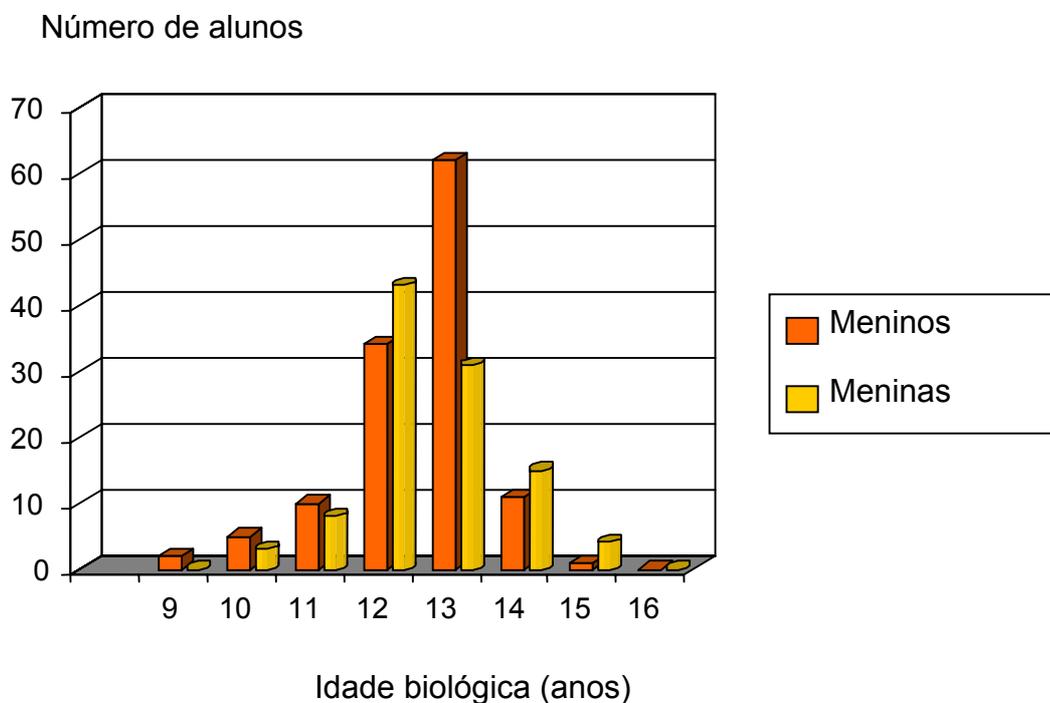
¹⁴ No presente estudo, referimos o termo "precoce" àquelas crianças que se encontram num estágio avançado do desenvolvimento biológico em relação ao cronológico.

pico aos 12 anos, havendo começado seu estirão aos 10.5 anos, enquanto que muitos retardados em sua maturação iniciam seu estirão aos 14.5 anos e alcançam seu pico até os 16 anos (TANNER, 1986, p.87).

Evidentemente, necessitamos de uma forma para medir o desenvolvimento ou maturidade funcional, mais fiel do que a idade cronológica, isto, para saber o quanto determinado sujeito avançou ao longo do caminho até a sua plena maturidade. A estatura não nos dá tal medida, pois as pessoas diferem na estatura madura. Assim, a alta estatura de um menino pode significar um tempo rápido de crescimento em uma criança que terá em adulto uma estatura mediana, ou um tempo médio de crescimento num menino que quando adulto terá uma estatura elevada (TANNER, 1986, p.97). A idade de início dos vários estágios da puberdade é uma medida muito utilizada, pois todas as crianças normais passam através dos mesmos estágios, mas é importante ressaltar que esta medida só é acessível num período avançado do crescimento. As medições do nível de maturidade variam de acordo com o sistema biológico usado, mas os indicadores de maturidade mais usados em estudos de crescimento são os que avaliam a maturação do esqueleto, ou a maturação dentária, ou ainda aqueles que avaliam a maturação sexual (TANNER, 1986; MALINA & BOUCHARD, 1991; HAFFNER, 1995).

No Gráfico 1 aparecem os resultados de um estudo baseado em radiografias dos ossos do carpo de crianças de 12,9 anos (idade cronológica). Constatou-se que as mesmas podem apresentar idades biológicas diferentes, variando entre 09 e 15 anos, em média. Estas variações ocorrem com crianças que estão na fase da puberdade, que nas meninas vai dos 10/11 anos até os 13 anos e nos meninos, varia dos 12 anos até os 14 anos, aproximadamente (WEINECK, 1991, p.311).

Gráfico 1: A idade biológica de alunos e alunas com idade calendária média de 12,9 anos (WEINECK, 1986, p.311; modificada pelo autor a partir do original).



Assim, uma criança de 12 anos, participando de um campeonato realizado dentro dos moldes de um campeonato adulto, estará competindo com outras crianças de igual idade cronológica, porém de diferentes idades biológicas (idade que realmente corresponde à fase em que a criança se encontra). Nota-se, assim, que este tipo de evento torna-se extremamente injusto e seletivo, uma vez que beneficiará as crianças com crescimento acelerado ou com maior idade biológica, em detrimento das outras crianças.

MAIA & VICENTE (1991, p.207) salientam que: "o aspecto mais importante do processo de crescimento e desenvolvimento do jovem atleta é o da variação". Isto implica no conhecimento preciso acerca do processo evolutivo da criança na sua caminhada para a maturidade. O hábito de agrupar crianças e jovens atletas em função da sua idade cronológica para conduzir o processo de treino e competição é um processo errôneo e inadequado à realidade concreta de cada atleta. Daí a definição de *readiness*¹⁵ em desporto ser definido em termos da relação entre o nível de crescimento, maturação e desenvolvimento

¹⁵ O conceito de *readiness* é frequentemente utilizado no contexto escolar..., isto é, estará a criança preparada (*ready*)... para as exigências da leitura e da escola? (MALINA, 1986).

evidenciado pela criança e jovem e, pelas exigências das tarefas do processo de treino e competição (MALINA, 1986; SOBRAL, 1994).

Talvez, por este motivo, algumas modalidades esportivas, principalmente as lutas, adotam, como um dos critérios além da idade, para dividir as diversas categorias, o peso dos atletas.

Este capítulo refere que existe um grande vazio nos estudos de adaptação do esporte para as crianças e na metodologia a ser utilizada. A controvérsia sobre a participação de crianças no desporto de rendimento está longe de se esgotar. A configuração e os contornos das atividades de treino e de competição continuam a justificar reflexões profundas, uma intensa atividade de investigação. Deve-se sempre promover um desporto em que os mais jovens sejam, mais do que o objeto, o sujeito da prática.

Mas, muitos crêem que é válido simplesmente “transplantar” os métodos, as cargas, os volumes e as intensidades que se aplicam na fase adulta para as crianças, diminuindo algo do seu conteúdo.

Estas questões são apresentadas neste trabalho na perspectiva de um professor de educação física com preocupações pedagógicas sobre a infância e o esporte, e não na do especialista em treinamento esportivo.

Na educação, quando se pensa nos métodos de alfabetização, por exemplo, podemos observar uma diferenciação muito clara entre o ensino para adultos e para crianças. Na psicologia também ocorre uma distinção entre o método de tratamento para crianças e o método para adultos. Portanto, afim de que a criança seja, acima de tudo, beneficiária do esporte se faz necessária uma revisão dos programas de Iniciação Esportiva existentes.

O desporto de crianças e jovens só tem sentido enquanto projeto pedagógico, no qual se trate de igual forma da educação e da formação. Será, talvez, mais difícil entender isto no desporto de rendimento, mas assim terá de acontecer.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos desta investigação científica estão apresentados de acordo com os seguintes tópicos: População e Amostra, Descrição Metodológica (método de abordagem), Problema, Questões de Pesquisa, Definição Operacional de Variáveis, Instrumentos de Medida e Procedimentos de Coleta de Dados.

3.1. População e Amostra

A população alvo desta investigação são os atletas das equipes filiadas da Federação Gaúcha de Basketball na categoria mini (atletas até 12 anos de idade). A amostra representativa da população alvo deste estudo, tem como parâmetro todos os atletas, de 11 anos e 12 anos de idade (nascidos em 1988 e 1987, respectivamente), das quatro equipes masculinas finalistas da principal competição do basquetebol estadual, categoria mini, ano de 1999. Um aspecto considerado relevante para essa escolha é a eliminação de alguns fatores que poderiam confundir as conclusões do trabalho, tais como:

- Carga horária/semanal de treinamento;
- Objetivos da instituição à qual a criança pertence;
- Nível de exigência do professor/técnico.

As diferenças desses fatores entre as equipes, certamente têm influência relevante no rendimento das crianças.

A amostra, que é não-probabilística intencional, apresenta então, os seguintes aspectos:

1. Atletas finalistas do Campeonato Gaúcho de Minibasquetebol (resultou da escolha feita pela facilidade de coleta de dados conjunta: todos os atletas reunidos num mesmo período e local);
2. Faixa etária entre 11 e 12 anos;
3. Sexo masculino;
4. Estado do Rio Grande do Sul.

3.2. Descrição Metodológica: método de abordagem

Os procedimentos desse trabalho se distinguem pelo tipo *ex post facto*, inicialmente com delineamento descritivo exploratório e depois como descritivo por inquérito.

3.2.1. Problema

O nível de maturação biológica dos atletas praticantes de minibasquetebol é levado em consideração pelos técnicos na seleção de atletas e na estruturação dos seus programas de treino e competição?

3.2.2. Questões de Pesquisa

Considerando o grupo homogêneo quanto à idade cronológica (11 e 12 anos), se estabelecem as seguintes questões de pesquisa:

- a) Qual o perfil do estadiamento puberal da amostra estudada?
- b) No processo de elaboração do treino e competição do minibasquetebol, elaborado pelos técnicos, é levado em consideração o aspecto maturação biológica das crianças?
- c) A variável maturação biológica é interveniente no processo de seleção dos atletas nas equipes de competição?

3.3. Definição Operacional de Variáveis

Para melhor explicitar as variáveis deste estudo, se faz necessário tratar brevemente de suas definições:

- MATURAÇÃO BIOLÓGICA - A maturação implica no processo de mudança para um estado maduro. Entende-se a maturação como o processo de transformação e desenvolvimento de um órgão ou organismo para o exercício pleno de suas funções, indissociável da idade.
- SELEÇÃO – É uma equipe constituída pelos seus melhores atletas, escolhidos segundo critério técnico estabelecido pelos respectivos técnicos.

3.4. Instrumentos de medida

São três os instrumentos para a coleta de informações, que aparecem neste estudo, a seguir:

3.4.1. Teste de Tanner para maturação sexual - pêlos pubianos

Muitos autores utilizam o teste de Tanner como padrão de referência para classificar ou estadiar o desenvolvimento sexual, estadiamento este necessário para se chegar ao nível de maturação (MATSUDO, 1984; MALINA & BOUCHARD, 1991; HAFFNER, 1995). Por isso é que foi escolhido este teste para identificação do nível de desenvolvimento sexual dos atletas em questão.

Neste instrumento de estudo consta uma tabela para a determinação do grau de desenvolvimento puberal masculino, pêlos pubianos (Anexo 1), e para a definição do nível de maturação sexual dos participantes da amostra.

A avaliação das fases de maturação sexual é feita ordinariamente por observação visual e exame clínico. Mas esta avaliação tem suas limitações, porque o método requer a invasão da intimidade do indivíduo o que preocupa muitos pré-adolescentes, adolescentes e os pais deles. Considerando que os sujeitos deste estudo se encontram em fases muito dinâmicas do seu processo maturacional e de formação de personalidade, é compreensível a preocupação e as restrições éticas à investigação, referentes ao plano biológico.

MATSUDO & MATSUDO (1991), dá validade à auto-avaliação para determinar a maturação sexual. Apresentadas as tabelas,

cada indivíduo, primeiro, se auto-avalia e depois é avaliado pelo médico. Esses resultados mostram que a validade da técnica projetiva para a avaliação dos pêlos pubianos é a mais alta (0,70-0,71), o que demonstra que a escolha desta característica sexual secundária para a testagem, no presente trabalho, foi acertada. A partir dos resultados obtidos, o trabalho conclui que esta técnica projetiva é simples e parece não precisar de avaliador especial (médico).

"Os trabalhos de MORRIS & UDRY, SAITO, KOZINETZ e mais recentemente o de CARVALHO, realizado no Brasil, que aplicam um instrumento similar ao anteriormente citado, composto de desenhos dos diferentes estágios de pêlos pubianos só para o sexo masculino, são referenciados como a forma mais simples de avaliar a maturação sexual" (apud MATSUDO & MATSUDO, 1991, p.30).

O estadiamento puberal (pêlos pubianos) desta amostra é feito através dos critérios de TANNER (1962) para a classificação dos cinco estágios de desenvolvimento puberal do sexo masculino. O estágio P1 indica o desenvolvimento pré-pubere - não há pêlos pubianos, isto é, os pêlos sobre o púbis não estão mais desenvolvidos que os da parede abdominal. O estágio P2 revela o desenvolvimento inicial - a ampliação dos pêlos pubianos - crescimento esparsos de pêlos longos, finos ou

discretamente encaracolados, principalmente, na base do pênis. Os estágios P3 e P4 demonstram maturação continuada, que é um pouco mais difícil de avaliar. Em P3 os pêlos são mais escuros, mais espessos e mais encaracolados, distribuindo-se na região pubiana e no P4 são pêlos já do tipo adulto, mas com área de distribuição menor que no adulto pois não há ainda extensão em direção às coxas. O estágio P5 indica o adulto ou estado maduro de desenvolvimento - pêlos do tipo e quantidade iguais aos do adulto com extensão até a superfície interna das coxas.

De acordo com a tabela de graus de desenvolvimento da pelagem pubiana, os estados de maturação deste estudo, estão assim classificados: P1 - pré-púbere, P2, P3 e P4 - púbere e P5 - pós-púbere (BONJARDIM & HEGG, 1988).

3.4.2. Questionário

Este instrumento, elaborado especialmente para este estudo, e respondido pelos técnicos das equipes participantes da amostra, consta de uma série de perguntas referentes aos profissionais, ao planejamento

dos treinos, a participação em competições e à relação com o aspecto maturação biológica (Anexo 2).

3.4.3. Entrevista

Na entrevista elaborada de forma semi-estruturada aparecem duas perguntas dirigidas aos técnicos das equipes participantes da amostra com o objetivo de bem definir quais são os critérios utilizados para a seleção dos atletas e quais os 05 (cinco) atletas mais destacados, de cada equipe, durante o evento realizado no período da coleta dos dados.

3.5. Procedimentos de Coleta de Dados

Para dar validade ao instrumento, é realizado, como projeto piloto, um pré-teste com alunos do Colégio Cruzeiro do Sul – Porto Alegre, da mesma faixa etária das crianças da amostra para uma melhor aplicação dos instrumentos na pesquisa. Todas as fases propostas foram

seguidas: licença da Supervisão da Escola, autorização escrita dos pais e execução do pré-teste.

Cartas de apresentação da Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano e da Federação Gaúcha de Basketball dão respaldo aos primeiros contatos com os técnicos das equipes finalistas do Campeonato Gaúcho de Minibasquetebol e com os respectivos dirigentes dos clubes integrantes do projeto. Os pais de cada atleta participante recebem documento apresentando o autor deste trabalho, explicando o tipo e o propósito do teste a ser aplicado com seus filhos e solicitando autorização, por escrito, para realização do teste (Anexo 3).

Antes da realização do teste propriamente dito, pequena palestra com as equipes, em separado, serve para explicar os objetivos do teste e o modo da sua realização. Em seguida os atletas são atendidos, individualmente, com o objetivo de ser detalhada a execução do teste e de se aplicar a auto-avaliação (conforme o descrito no item 3.4.1. deste trabalho).

Lembrando o referido anteriormente, os testes avaliam o nível de maturação sexual das crianças, baseado no desenvolvimento de características sexuais secundárias - pêlos pubianos.

Sabe-se que o desenvolvimento de características sexuais secundárias é um processo contínuo no qual as fases são sobrepostas. A definição dos cinco estágios, já antes explicitados, é um pouco arbitrária. Considere-se o exemplo de dois meninos da mesma idade: um que acaba de entrar em uma determinada fase e um outro que se aproxima do final dessa mesma fase: ambos são avaliados como estando no mesmo nível, embora o segundo menino realmente seja mais avançado em maturação que o primeiro.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a finalidade de facilitar a compreensão deste estudo, os resultados, expostos em quadros e gráficos, são discutidos com base em dados, os mais importantes, se relacionados ao problema levantado neste trabalho.

Tabela 1: Perfil do estadiamento puberal por clube em valores absolutos (VA) valores percentuais (VP).

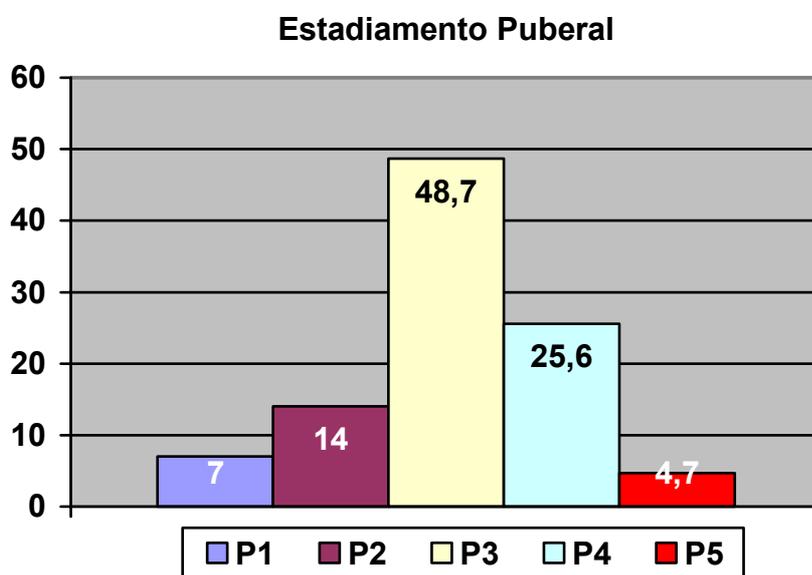
Estadiamento Puberal	Clubes								Total	
	A		B		C		D			
	VA	VP	VA	VP	VA	VP	VA	VP	VA	VP
P1	02	18,2	01	10,0	-	-	-	-	03	7,0
P2	01	9,1	01	10,0	02	20,0	02	16,7	06	14,0
P3	05	45,5	06	60,0	04	40,0	06	50,0	21	48,7
P4	03	27,3	02	20,0	02	20,0	04	33,3	11	25,6
P5	-	-	-	-	02	20,0	-	-	02	4,7
Total	11	100,0	10	100,0	10	100,0	12	100,0	43	100,0

De acordo com a Tabela 1, nenhum clube exibe atletas em todas as fases de maturação. Os Clubes A e B são os únicos que mostram atletas no estágio P1 e que além do Clube D não têm atletas no estágio P5. A leitura dessa tabela indica que os atletas dos Clubes A, B e C revelam, entre si, uma maior variação quanto ao nível de desenvolvimento maturacional. O Clube C é o único com atletas no estágio P5 e ao lado do Clube D não apresenta atletas no estágio P1. Com isso conclui-se que a equipe do Clube C se encontra em um nível de desenvolvimento maturacional mais avançado em relação às outras. Já o Clube D se caracteriza por uma equipe com menor variação do nível de desenvolvimento maturacional entre os atletas.

Esta distribuição é melhor percebida no Gráfico 2, onde os atletas estão localizados nos diferentes estadiamentos puberais em

valores percentuais (VP). Pode-se facilmente verificar que a concentração de frequência é mais elevada no nível P3 (48,7%). Também fica claro que a incidência percentual de atletas não maturados é a menor (P1 e P2 somam juntos 21,0%) e a maioria absoluta de atletas já se encontram no processo de maturação (P3 e P4 somam juntos 74,4%). Este último resultado (percentagem) indica uma característica importante desta amostra. O estágio P5 representa 4,7% dos atletas em estado maduro de desenvolvimento.

Gráfico 2: Estadiamento puberal dos atletas da amostra em valores percentuais (VP).



Assim, o perfil da amostra revela que os meninos que maduram muito precocemente chegam ao seu pico de desenvolvimento

aos 12 anos, considerando-se o início do seu estirão aos 10,5 anos, enquanto que muitos retardados em sua maturação iniciam o estirão aos 14,5 anos e alcançam seu ponto mais alto os 16 anos (TANNER, 1986, p.87).

Na Tabela 2 a seguir, aparece o resultado do item maturação biológica do questionário realizado com os técnicos (Anexo 2).

Tabela 2: A maturação biológica como elemento no processo de planejamento dos treinos, em valores absolutos (VA) e valores percentuais (VP).

	Consideram o aspecto maturação biológica			
	SIM		NÃO	
	VA	VP	VA	VP
Técnicos	-	-	04	100,0
TOTAL	-	-	04	100,0

Através deste questionário, respondido pelos técnicos das equipes em estudo, observa-se que todos os entrevistados não levam em conta o aspecto maturação biológica no planejamento dos seus treinos e preparação para competições. Embora, neste caso específico, a amostra

seja pequena, ainda assim é possível considerar que esta é uma projeção bastante realista e representativa. Os técnicos expõem neste mesmo questionário que não desconhecem a maturação biológica dos seus atletas, mas que a falta de condições técnicas e até mesmo de maior embasamento teórico sobre o assunto são motivos para a ausência de um planejamento preocupado com este aspecto. Segundo os técnicos, o planejamento para toda a temporada é feito de forma global mas, embora nem sempre saibam com antecedência as datas das principais competições e eventos que participarão com suas equipes, procuram elaborar seus trabalhos dentro das especificidades do grupo.

Para determinar a forma de seleção dos atletas a Tabela 3 e o Gráfico 3 demonstram o resultado da entrevista feita com os técnicos que denominam os grupos como selecionados e não-selecionados.

Tabela 3: Frequência de atletas selecionados e não selecionados em cada nível maturacional (estadiamento puberal), em valores absolutos (VA) e valores percentuais (VP).

Estadiamento Puberal	Não-Selecionados		Selecionados	
	VA	VP	VA	VP
P1	03	100,0	-	-
P2	05	83,3	01	16,7

P3	12	57,1	09	42,9
P4	05	45,5	06	54,5
P5	-	-	02	100,0
TOTAL	25	58,1	18	41,9

Obs.: Dois atletas mencionados por uma determinada equipe não fazem parte da amostra, desta forma justifica-se o valor absoluto 18 para atletas selecionados.

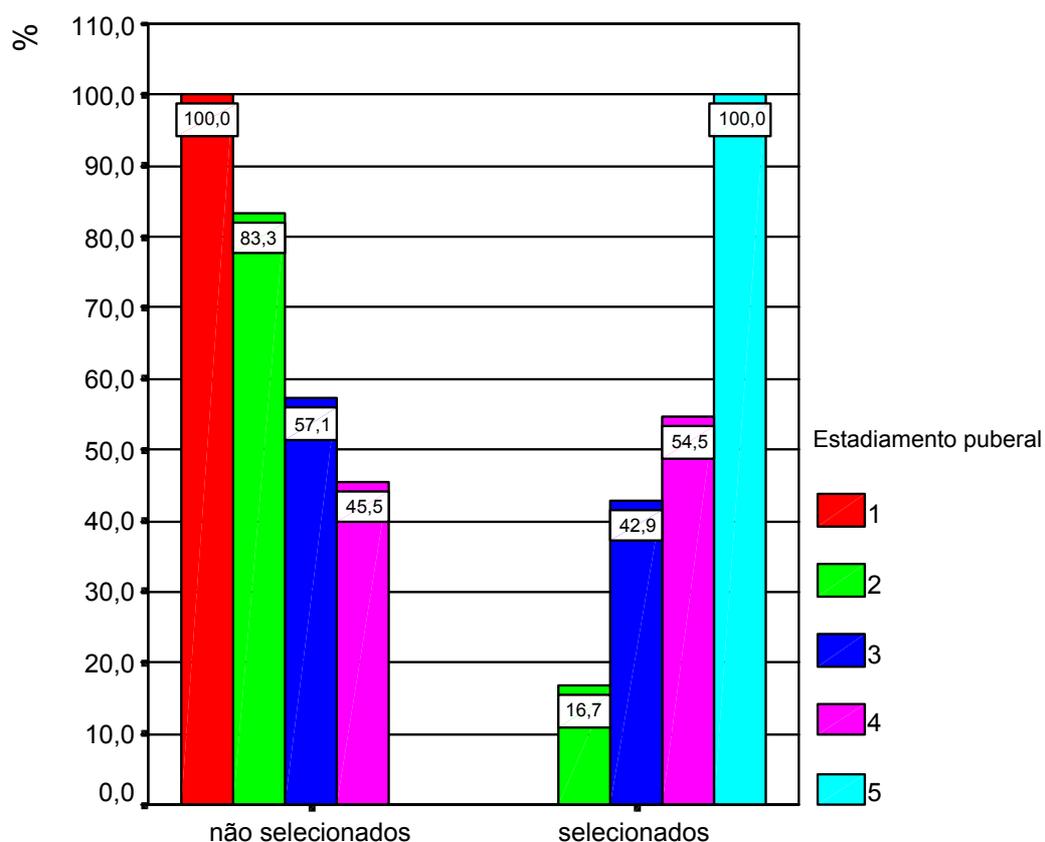
Os técnicos revelam na entrevista que o principal critério para a seleção dos atletas é nível técnico. O número de atletas selecionados determinado para a seleção dos técnicos, é o mesmo do número de jogadores de quadra (05 atletas).

No processo de seleção utilizado, exposto na entrevista, os técnicos revelam uma tendência para a seleção de atletas que se encontram nos estágios P3, P4 e P5, que estão associados com a saída da puberdade e com a categoria pós-pubere.

Observando o gráfico abaixo os não-selecionados apresentam freqüências maiores nos estágios P1, P2 e P3. No entanto, a grande freqüência de não-selecionados e selecionados no estágio de maturação P3, deve-se ao fato da amostra apresentar uma incidência maior de alunos neste estágio. Com o aumento do “n” (número total de participantes da amostra) esta pode apresentar um aumento da freqüência de sujeitos nos níveis mais baixos e mais elevados da maturação

biológica. Cabe ressaltar aqui que esta característica da amostra pode estar associada à presença destes atletas na fase final do campeonato, onde normalmente aparecem apenas as melhores equipes do estado.

Gráfico 3: Atletas selecionados e não-selecionados por nível maturacional (estadiamento puberal), em valores percentuais (VP).



Através da interpretação dos resultados da entrevista conseguimos estabelecer uma relação direta importante entre o critério técnico e a maturação biológica. Mencionando MALINA (1986), o fato de alguns atletas com valores de altura e/ou peso abaixo ou acima da média das curvas de crescimento da população, não envolvida em atividades desportivas, atribui-se ao efeito de seleção específico de cada esporte. Dentro dessa linha de pensamento destaca-se também a opinião de HAHN (1988), que refere os muitos rendimentos motrizes como simples processos de maturação para os quais a aprendizagem e o treinamento tem pouca influência.

Quanto à maturação é sabido que, nos esportes em que o rendimento depende de níveis superiores da altura e do peso, como no basquetebol, os atletas jovens tendem a ser maturacionalmente avançados. Mais uma vez, verifica-se o efeito provável da seleção dentro de cada esporte.

Os resultados referentes ao estadiamento puberal ou nível de maturação biológica dos atletas das equipes finalistas do Campeonato Gaúcho de Minibasquetebol, do naipe Masculino, demonstram que, nesta faixa de idade cronológica as equipes apresentam entre si, e

individualmente, um perfil diferenciado do estado maturacional que aponta para uma fase de grande transformação biológica.

Há outra razão de peso para a seleção de atletas: a especialização das competições se faz acompanhar, necessariamente, da especialização do treino (MARQUES, 1997; BOMPA, 2000; LIMA, 2000). Como resultado disso, os treinadores passam a especializar as crianças precocemente, ocasionando fatalmente um processo de seleção que não leva em conta o critério da maturação biológica.

"Assim, muitos treinadores trocam os resultados do futuro pelos ilusórios sucessos do presente e os pequenos títulos de hoje por aqueles que verdadeiramente importam [...] No desporto de rendimento, as vitórias das crianças e adolescentes são importantes para os jovens atletas, mas não podem ser para os treinadores (MARQUES, 2000a).

5. CONCLUSÃO

Estas são as principais conclusões que emergem do marco teórico e dos resultados deste trabalho, sem desconsiderar as limitações operacionais.

De acordo com os resultados expostos anteriormente, a avaliação objetiva de determinados fatores de desempenho, através da avaliação da morfologia externa dos atletas, não é uma garantia para um prognóstico correto, pois os resultados dos testes mostram apenas a condição em que se encontra o atleta no momento em que os testes são realizados e não efetivamente as reais potencialidades de desenvolvimento do jovem.

Pelos resultados obtidos neste tipo de avaliação, os atletas que apresentam um desenvolvimento maturacional adiantado, são

selecionados com prejuízo daqueles em processo de crescimento e desenvolvimento tardio (WEINECK, 1986).

É a idade biológica e não necessariamente a idade cronológica que determina o estado de maturação do indivíduo. Desse modo, assim como um jovem atleta pode, eventualmente, apresentar um desempenho inferior em relação aos seus companheiros de mesma idade também, freqüentemente, um atleta jovem de sucesso precoce corre o risco de alcançar a idade adulta sem atender às expectativas nele depositadas.

MALINA & BOUCHARD (1991) relatam que o estado maturacional influencia a *performance* física e salientam que os jovens mais avançados no estatuto maturacional, dentro de um determinado escalão etário, tendem a ser mais fortes e a ter melhores *performances* nas atividades motoras.

Constata-se ao longo do processo de seleção em desporto a prática de uma avaliação empírica dos atletas a partir da excelência do seu desempenho competitivo e de acordo com a experiência do técnico.

Este tipo de avaliação pode conduzir a erros de predição quando efetuada sem suporte científico ou mecanismos que justifiquem os critérios de seleção adotados, devido à “instabilidade” que caracteriza

a dinâmica evolutiva do processo de crescimento e desenvolvimento da criança.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela importância das questões levantadas nesta investigação, novas propostas e modelos se tornam indispensáveis no processo de Iniciação Esportiva.

O sistema competitivo tradicional, por se assemelhar muito ao do esporte de alto nível, não é o mais indicado no esporte para crianças. A preocupação, em alterar a estrutura e os regulamentos das competições é antiga. Apesar disto, até hoje há muita resistência por parte de treinadores, dirigentes e até pais, pois muitas vezes eles consideram que estas alterações, mesmo concretizadas, nada acrescentam à experiência dos jovens esportistas, na formação e na seleção para o desporto de alto nível.

Nem todas as competições contribuem na formação das crianças. Elas devem estar ajustadas aos níveis de desenvolvimento, aos estados de prontidão dos atletas. Só assim podem ser diminuídas as taxas de abandono e aumentadas as de ingresso de jovens para o esporte, porque é cada vez mais urgente a promoção de atividades físicas e desportivas para este grupo etário.

O especialista deve oferecer à criança suporte a um treino adequado, e também se opor à especialização precoce promovendo assim uma construção sistemática, com objetivos a longo prazo.

A estratégia a utilizar na preparação de atletas deve decorrer de princípios que são valorizados na sua formação, fazendo da disputa uma extensão da atividade de treino e não o contrário.

Por isso a necessidade de técnicos bem preparados. Estes não devem ser apenas aqueles que detêm o melhor conhecimento do esporte ou da modalidade esportiva, mas os que devem ter, ao lado de uma notável apreciação dos aspectos biológicos e psicossociais da criança, a capacidade para integrar todas estas informações na preparação esportiva das mesmas a fim de poder nelas identificar o nível de prontidão para a prática esportiva.

O processo de seleção apresentado pelos técnicos neste trabalho muitas vezes exerce grande pressão psicológica nas crianças, situações de ansiedade excessiva como ter de ficar no banco ou medo de falhar, dificuldade em conciliar a atividade esportiva com o tempo para a escola, para a família, para os amigos, afasta muitas crianças e adolescentes do esporte. A forte ênfase na vitória, dada por muitos treinadores, leva-os a optar pelos atletas mais “capazes” e a discriminar os mais “fracos”, não lhes dando a mínima oportunidade. Excluindo-os de jogar e levando-os ao abandono.

Propõe-se a adequação dos treinos à idade biológica das crianças e a um sistema de práticas competitivas menos tradicional, menos rígido, onde possam coexistir competições formais e informais; umas mais organizadas e outras de pequena organização; competições não especializadas ao lado de outras com elementos do esporte; atividades institucionalizadas e outras não. É necessário desenvolver iniciativas de reconhecimento institucional destas novas práticas competitivas, como peças fundamentais da formação esportiva.

Para fortalecer as sugestões do autor deste trabalho, consta que no plano de 1993-1996 para o desporto de alto nível, a Federação do Desporto Alemã (DSB) expressa claramente a exigência de reestruturar

gradualmente o seu sistema de competições até o final de 1996 modificando-o radicalmente de modo a assegurar, a longo prazo, uma organização do treino que atente para a idade dos atletas e o seu nível de desenvolvimento (ROST apud MARQUES & OLIVEIRA, 2000).

Sugere-se que não se peçam vitórias aos mais jovens e a seus treinadores. No desporto, como em tudo, o tempo de formação é de preparação do futuro.

Referindo-se a este tema, BENTO (1989) observa que, em vez da especialização demasiadamente precoce, deve-se formar a estrutura e a construção progressiva do rendimento da criança, ajustadas aos níveis de desenvolvimento da mesma.

Assim, verifica-se que, pela necessidade de produzir rendimento esportivo rápido, o sistema acaba conduzindo o esportista de uma posição de sujeito da atividade à posição de objeto mensurável e valorável. Torna-se cada vez maior o conflito entre produção de rendimento e responsabilidade humana. Mais uma vez cabe ressaltar o pensamento percebido em BENTO (1989, p.34): "para que o esporte de alto rendimento possa se constituir em um modelo válido de referência e de inspiração para o esporte de crianças e jovens, não basta tornar aquele mais perfeito, é preciso torná-lo mais humano".

VARGAS NETO (1995), por sua vez, sugere algo semelhante às autoridades políticas e esportivas, propondo a criação de uma legislação própria que regule e controle basicamente:

- O número máximo de horas de treinamento de crianças;
- A intensidade e os objetivos deste mesmo treinamento;
- A formação e qualidade de ensino da pessoa responsável por estas atividades.

Os programas de educação física, de treinamento esportivo e recreativo, devem estabelecer suas bases nos dados evolutivos que indicam a adequação ou não de certas atividades a determinadas idades. Devem oferecer um meio atrativo para a prática do esporte, e profissionais competentes para organizar e controlar estas atividades, ainda mais que, com o aumento da idade, diminui progressivamente a participação nos programas esportivos. Devem ter como meta principal de trabalho a formação e educação das crianças, o respeito pela individualidade de cada aluno e o desenvolver de habilidades conforme as necessidades de cada faixa etária, fatores estes elementares na Iniciação Esportiva para crianças.

O objetivo de auxiliar na educação e na formação dos atletas, de preparar psicologicamente para promover a saúde física e mental do

grupo, precisa ser incansavelmente perseguido através da identificação dos conflitos e do desenvolvimento de alternativas de resolução. Assim, os atletas podem dispor plenamente de suas capacidades, realizando-se como pessoas, além da simples finalidade de vitória.

A carta dos direitos da criança no esporte apresentada em Genebra, 1988, estabelece uma ideologia psicopedagógica do esporte baseada nas noções de respeito aos ritmos do desenvolvimento da criança e de adaptação às formas de competição e infra-estruturas que preconizam a prática das diferentes modalidades, a saber:

1. Direito de praticar esporte;
2. Direito de se divertir e jogar;
3. Direito de usufruir um ambiente sadio;
4. Direito de ser tratado com dignidade;
5. Direito de ser rodeado e treinado por pessoas competentes;
6. Direito de seguir treinamentos apropriados aos ritmos individuais;
7. Direito de competir com jovens que possuem as mesmas possibilidades de sucesso;
8. Direito de participar de competições apropriadas;

9. Direito de praticar o próprio esporte com absoluta segurança;

10. Direito de não ser um campeão.

O criador dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, o Barão Pierre de Coubertin, citado por LUSTERNIK e ZUSBIAURRE ([198_], traduz a idéia de que o esporte excede a pura atividade física para constituir-se em algo espiritual, com projeções sociais e pedagógicas. Parece que ele quer utilizar o esporte para a formação de jovens, o fortalecer do caráter, a promoção da solidariedade, etc.

No início da década de 90 um movimento para propor mudanças no minibasquetebol no estado do Rio Grande do Sul tomou força. Bimestralmente realizam-se eventos alternativos. Um deste, chamado “encontro”, muito semelhante aos campeonatos tradicionais, ainda hoje acontece em algumas cidades do interior do estado. Nessas competições cada equipe joga de 3 a 4 vezes sem ser definido um campeão. Já um outro tipo de evento, conhecido pelo nome de “*jamboree*”¹⁶, utiliza a mistura das equipes, privilegiando especialmente a integração e a formação através do esporte. Nos *jamborees*, os jogos

¹⁶ Esta é uma expressão muito comum no escotismo, trazido por Baden Powell ao Brasil, é traduzido como festival ou encontro festivo.

não possuem placar, todas as crianças jogam o mesmo tempo, os técnicos apitam (orientam) o jogo e estudantes de Educação Física ficam junto ao banco das equipes apenas para organizá-las para todas as atividades do evento. As crianças jogam a mesma quantidade de vezes que em outros tipos de competição, mas participam, paralelamente, de outras atividades esportivas, culturais e sociais.

Estes eventos perdem a força na metade da década passada, mas os técnicos lembram no questionário proposto por este estudo responderam de forma unânime, que estas alternativas de atividade são importantes pela integração proposta e também pela maior oportunidade de participação das crianças, principalmente no *jamboree*, onde não existe seleção de atletas, nem limite de inscrições para as instituições convidadas, todos podem participar. Outro aspecto relevante citado pelos técnicos quanto aos *jamborees* é que a possibilidade de vivenciar tanto a derrota quanto a vitória aumenta pelo nivelamento estabelecido no critério de divisão das equipes.

Desta forma, estes eventos devem ser realizados em maior escala e com apoio das instituições ligadas ao minibasquetebol, pois podem contribuir de forma concreta para a consecução do conjunto de propostas contidas neste trabalho.

É impossível saber tudo sobre o desenvolvimento da criança e também tudo no que se refere à Iniciação Esportiva. Mas, sempre é possível saber mais e fazer melhor. Eis o desafio que se faz renovado a partir deste estudo.

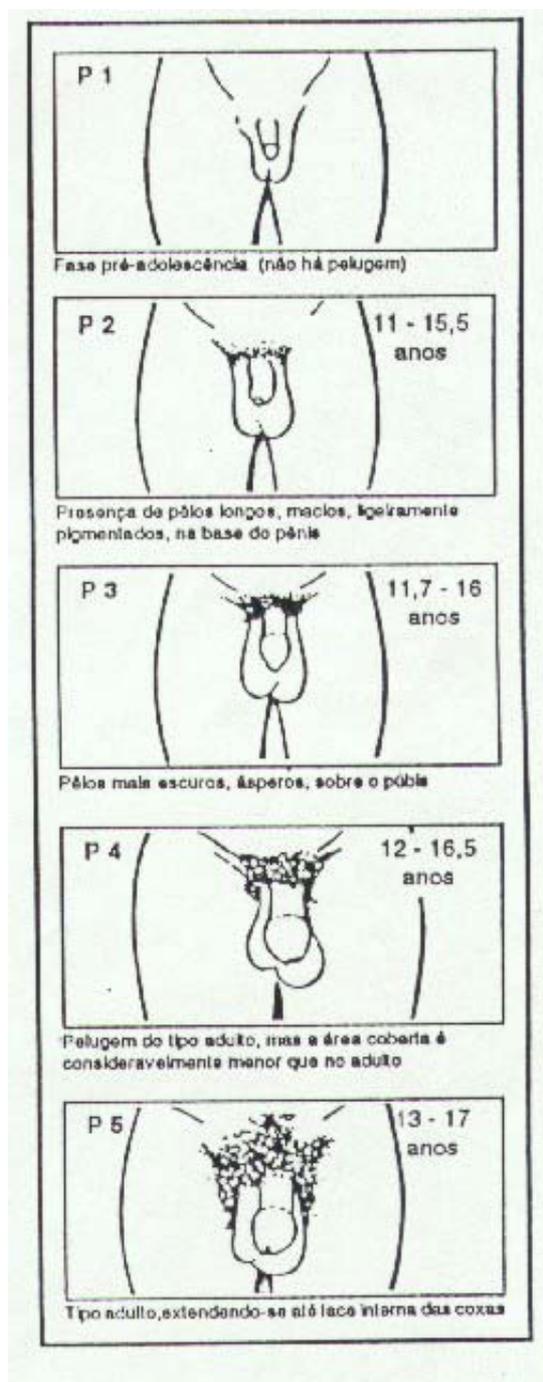
Sabe-se que o processo de treino e competição é complexo e de estrutura multifatorial. Por outro lado, o método de determinação do estatuto sexual da criança é simples e de fácil aplicação e permite medidas organizativas, do treino e competição, ajustados à realidade biológica das crianças.

Este estudo, aliado às investigações de TANNER (1962) quanto à determinação da idade de maturação biológica, evidencia a validade deste instrumento como promotor de uma divisão mais equilibrada dos atletas.

Fica, ao final desta obra, a esperança de que uma parte significativa de educadores esteja interessada em aperfeiçoar os programas de Educação Física e esportes para a criança, de modo a buscar, através desses, o desenvolvimento harmônico e global da personalidade da criança e o aperfeiçoamento das estratégias, objetivos e técnicas a ela direcionadas.

ANEXOS

Anexo 1: Tabela de Tanner para desenvolvimento puberal (Pêlos Pubianos) - sexo masculino



Anexo 2: Questionário respondido pelos técnicos das equipes finalistas do Campeonato Gaúcho de Minibasketebol / 1999

PROGRAMA DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

Mestrando: Prof. Nelson Schneider Todt

Orientador: Prof. Dr. Francisco Xavier de Vargas Neto

Co-Orientador: Prof. Dr. Adroaldo Cezar Araújo Gaya

Ano de Nascimento: _____

Formação: _____

Tempo que atua como Técnico de Basquete: _____

Quais categorias que treina? _____

Que outras categorias já treinou? _____

Quantos atletas fazem parte da categoria mini (11 e 12 anos)? _____

Qual a frequência semanal de treino? _____

Qual a duração dos treinos? _____

Qual o número de meses de preparação na temporada? _____

Qual o número de jogos oficiais e amistosos? _____

Existe um planejamento da temporada para os treinamentos e jogos? _____

O aspecto "maturação biológica" dos atletas é considerado neste planejamento? _____

Outros aspectos relevantes neste planejamento? _____

É a favor da realização do Campeonato Estadual? Por quê? _____

Outros eventos como encontros e *jamborees* devem ser organizados? Por quê? _____

Anexo 3: Autorização dos pais para a realização do Teste de Tanner para definição do estágio de desenvolvimento dos pêlos pubianos.

Porto Alegre, 02 de dezembro de 1999.

Senhores Pais:

Sou acadêmico do Curso de Mestrado em Ciências do Movimento Humano da ESEF-UFRGS. Estou em fase de Coleta de Dados da Dissertação que trata da Iniciação Esportiva no Basquetebol para crianças entre 11 e 12 anos de idade e conto com o apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Federação Gaúcha de Basketball. Participarão deste estudo os atletas das quatro equipes finalistas do Campeonato Gaúcho de Minibasquetebol.

A referida coleta de dados se dará no clube onde serão realizados os jogos, com o acompanhamento do Técnico responsável pela equipe. As avaliações, que visam determinar o nível de maturidade biológica dos atletas, serão conforme a seguir:

- Avaliação da Maturação Biológica através do Teste de Tanner. O teste será realizado pelo próprio atleta, sozinho, mediante a comparação com figuras. É importante salientar que, por questões éticas, não serão registrados os nomes dos atletas na pesquisa.

Assim, solicito sua autorização para a realização dessa testagem com seu filho.

Sendo o que tinha para o momento, coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Agradeço antecipadamente a atenção,

Prof. Esp. Nelson Schneider Todt

Autorizo o Prof. Nelson Schneider Todt a realizar, com meu filho, a avaliação do nível de maturação biológica através do "Teste de Tanner".

Assinatura do Responsável:

Anexo 4: Algumas considerações sobre as regras do minibasquetebol

Desde que o basquetebol foi inventado pelo professor de educação física, o canadense James Naismith, as mudanças ou pequenas adaptações em suas regras são

uma constante. De responsabilidade da FIBA (Federação Internacional de Basquetebol Amador), órgão máximo que rege este desporto, cada uma destas mudanças, que acontecem a cada quatro anos, são previamente testadas em campeonatos oficiais regidos por esta Federação e acompanham a própria evolução do fenómeno desportivo no mundo.

Na categoria mini, onde a faixa etária dos atletas alcança 12 anos, as mudanças nas regras consideram os seguintes aspectos: aprendizagem, educação e participação, competição e resultado. Até os 12 anos (categoria mini) é praticado o minibasquetebol, destinado mais precisamente à educação infantil, onde se respeita as características, necessidades e os interesses dos seus praticantes. Para que isso aconteça, as regras sofrem as seguintes adaptações do basquetebol convencional:

- As tabelas assumem dimensões menores, inclusive a altura do aro que cai de 3,05m para 2,60m, e a bola é mais leve e menor. Estes novos valores possibilitam uma adaptação ao esforço exigido pela modalidade e um desenvolvimento adequado às habilidades e capacidades físicas;
- O tempo de jogo se divide em quatro períodos de 10 minutos cada um sendo que no primeiro quarto jogam 5 jogadores e no segundo quarto jogam obrigatoriamente os outro cinco atletas que ainda não estiveram em quadra. Nota-se que esta adaptação faz com que todos os atletas participem do jogo praticamente o mesmo tempo uma vez que as substituições só podem ser feitas nas trocas de períodos conferindo a todos a participação mínima em um e máxima em dois períodos.
- Não há prorrogação e admite-se o empate.

Aqui, a intenção está em preservar a ludicidade do jogo e os valores educativos, sociais e morais que o desporto atinge, como, por exemplo, respeito a si mesmo e ao adversário, lealdade e espírito de equipe.

BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA - ABNT (NBR 6023)

- BAYLEY, N. The child and the need of physical activity. In: ALBISON, J., ANDREW, G. (Ed.). Child in sport and physical activity. Baltimore : University Park Press, 1977.
- BECERRO, M. El niño y el deporte. Madrid : Ed. Santonja, 1989.
- BECKER JR., B. (Org.). Psicologia aplicada à criança no esporte. Novo Hamburgo : Feevale, 2000.
- BECKER JR., B., TELÖKEN, E. A criança e o esporte. In: BECKER JR., B. (Org.). Psicologia aplicada à criança no esporte. Novo Hamburgo : Feevale, p.15-30, 2000.
- BENTO, J. A criança no treino e desporto de rendimento. Revista Kinesis, Santa Maria, V.5, n.1, p.9-35, 1989.
- BERNSTEIN, N. The co-ordination and regulation of movement. London : Pergamon Press, 1967.
- BOMPA, T. Total training for young champions. Illinois : Human Kinetics, 2000.
- BONJARDIM, E., HEGG, R. Crescimento e desenvolvimento pubertário em crianças e adolescentes brasileiros. São Paulo : Editora Brasileira de Ciências, 1988.

CAGIGAL, J. Cultura intelectual y cultura física. Buenos Aires : Kapeluz, 1979.

COAKLEY, J. When should children begin competing? A sociological perspective. In: WEISS, M., GOULD, D. (Eds.). Sport for children and youths. The 1984 Olympic Scientific Congress Proceedings, Vol.X. Illinois : Human Kinetics, 1986. p.59-63

COMITÉ OLÍMPICO INTERNACIONAL. El movimiento olímpico. Lausanne : Comité Olímpico Internacional, 1993.

CRATTY, B. Psicologia no esporte. 2.ed. Rio de Janeiro : Prentice-Hall do Brasil, p.144-159, 1984.

CRATTY, B. Perceptual and motor development in infants and children. New Jersey : Prentice-Hall, 1986.

CRUZ, J. Psicología del deporte. Madrid : Síntesis, 1997.

DUDA, J. Relationship between task and ego orientation and the perceived purposes of sport among male and female high school athletes. Journal of sport and exercise psychology. n.11, p.318-335, 1989.

EWING, M., SEEFELD, V. Participation and attrition patterns in American agency – sponsored and interscholastic sports: an executive summary. North Palm Beach : Sporting Goods Manufactures's Association, 1989.

FELIU, J. Avaliação das interações treinador-esportista e assessoramento a treinadores de jovens desportistas. In: BECKER JR., B. (Org.) Psicologia aplicada à criança no esporte. Novo Hamburgo : FEEVALE, 2000.

FERREIRA, A. Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa. São Paulo : Editora Nova Fronteira, 1988.

GARCÍA, F. O *burnout* em jovens desportivas. In: BECKER JR., B. (Org.) Psicologia aplicada à criança no esporte. Novo Hamburgo : FEEVALE, p.58-82, 2000.

GORDILLO, A. Intervenção com os pais. In: BECKER JR., B. (Org.) Psicologia aplicada à criança no esporte. Novo Hamburgo : FEEVALE, , p.119-132, 2000.

GOULD, D. Understanding attrition in children's. In: GOULD, D., WEISS, M. (Eds.) Advances in pediatric sport sciences – behavioral issues. Illinois : Human Kinetics, 1987.

GUILMORE, J. Play : a special behavior. In: HARBER, R. (Ed.). Current research in motivation. New York : Holt, Rineahrt and Winston, 1966.

HAFFNER, L. Comparação do crescimento, maturação sexual e estado nutricional de escolares de 7 a 14 anos. Santa Maria, 1995. 107p. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) - Universidade Federal de Santa Maria, 1995.

HAHN, E. Entrenamiento com niños. Teoría, práctica, problemas específicos. Barcelona : Ediciones Martínez Roca, S.A., 1988.

HERKOWITZ, J. Social-Psychological correlates to motor development. In: CORBIN, C. (Ed.). A textbook of motor development. Dubuque : Wm. C. Brown, 1980.

HUGHSON, R. Los niños y los deportes competitivos : un enfoque multidisciplinar. Canadian Journal of Applied Sport Sciences, v. 11, n.4. p.162-172. 1968.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. Olympic Charter. Lausanne : IOC, 1997.

I SANT, J. El deporte como marco social del niño. In: MINISTERIO DE ASUNTOS SOCIALES. Infancia y sociedad. Los deportes. Madrid : Centro de Publicaciones, v. 13, jan.-fev., 1992. p.25-37.

JIMÉNEZ, F. El desarrollo social de los niños y la actividad física. In: MINISTERIO DE ASUNTOS SOCIALES. Infancia y sociedad. Los deportes. Madrid : Centro de Publicaciones, v.13, jan.-fev., 1992. p.17-24.

KEOGH, J. , SUDGEN, D. Movement skill development. London : McMillan Co., 1985.

KUNZ, E. As dimensões inumanas do esporte de rendimento. Movimento, Porto Alegre, n.1, p.10-19, set. 1994.

LEE, M. O desporto para os jovens ou os jovens para o desporto? Alguns dilemas que se colocam aos treinadores de jovens. In: CEFD (Ed.) Treino de jovens. Lisboa : CEFD, 1999. p.123-134.

LIMA, T. Competições para jovens. In: CEFD (Ed.) O melhor da revista Treino Desportivo. Lisboa : CEFD, 2000. p.235-248.

LUSTERNIK, F., ZUSBIAURRE, C. Minibasquetbol. Buenos Aires : [s.n.], [198-].

MACIEL, A., COPETTI, F., CORSEUIL, H. Especialização esportiva precoce : uma análise dialética. [s.l.] : [198_]. p.220-233.

MAIA, J., VICENTE, C. Importância dos indicadores de maturação biológica na condução do processo de treino. In: JORNADAS

CIENTÍFICAS DESPORTO SAÚDE BEM-ESTAR, 1988, Porto.
Anais... Porto : Universidade do Porto, 1991. p.207-208.

MALINA, R. Biologically related correlates to motor development and performance during infancy and childhood. In: CORBIN, C. (Ed.). A textbook of motor development. Dubuque : Wm. C. Brown, 1980.

MALINA, R. Readiness for competitive youth sport. In: WEISS, M., GOULD, D. (Eds.). Sport for children and youths. The 1984 Olympic Scientific Congress Proceedings, Vol. X. Illinois : Human Kinectics, 1986, p.45-50.

MALINA, R., BOUCHARD, C. Grow, maturation, and physical activity. Illinois : Human Kinectics, 1991. p.11-20; 171-204.

MARQUES, A. A especialização precoce na preparação desportiva. Treino desportivo, Lisboa, [198-], p.9-15.

MARQUES, A. A preparação desportiva de crianças e jovens. O sistema de competições. In: GUEDES, O. (Org.) Atividade Física: uma abordagem multidimensional, João Pessoa : Ideia, 1997.

MARQUES, A. Desporto e futuro. O futuro do desporto. In: GARGANTA, J. (Ed.) Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos, Porto : CEJD, FCDEF-UP, 2000a. p.7-20.

- MARQUES, A. Carta ao meu treinador. In: Treino Desportivo, Lisboa : CEFD, Especial nº3, p.36-39, 2000b.
- MARQUES, A., OLIVEIRA, J. O treino e a competição dos mais jovens: rendimento versus saúde. [s.l.] : [s.n.], 2000.
- MATSUDO, V. Testes em ciências do esporte. São Caetano do Sul : CELAFISCS, 1984.
- MATSUDO, S., MATSUDO, V. Validade da auto-avaliação na determinação da maturação sexual. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, Brasília, v.05, n.02, p.18-35, abr. 1991.
- MATVEIEV, L. Aspects fondamentaux de l'Entraînement. Paris : Vigot, 1983.
- McCLENAGHAM, B., GALLAHUE, D. Movimientos fundamentales : su desarrollo y rehabilitación. Buenos Aires : Panamericana, 1985.
- MENENDÉZ, C. La orientación en la educación física-desportiva en la edad escolar. In: Actas de Ves, Jornades de lésport. Barcelona : ACPE – Direcció General de l'esport, 1988.
- ORLICK, T. Juegos y deportes cooperativos. Madrid : Popular, 1972.
- PASSER, M. When should children begin competing? A psychological perspective. In: WEISS, M. e GOULD, D. (Eds.). Sport for children

and youths. The 1984 Olympic Scientific Congress Proceedings, Vol.x., p.55-58. Illinois : Human Kinetics, 1986.

PÉREZ, L. Actividades físicas y desarrollo motor en la infancia. In: MINISTERIO DE ASUNTOS SOCIALES. Infancia y sociedad. Los deportes. Madrid : Centro de Publicaciones, v.13, jan.-fev., 1992. p.5-16.

PETLICHKOF, L. The drop-out dilemma in youth sports. In: BAR-OR, O. (Ed.). The child and adolescent athlete. Oxford : Blackwell Science, 1996. p.418-430.

RARICK, G. Physical activity : human growth and development. London : Academic Press, 1973.

RUIZ, L. Desarrollo motor y actividades física. Madrid : Gymnos, 1987.

SCALON, R. Fatores motivacionais que influem na aderência e no abandono dos programas de iniciação desportiva pela criança. Porto Alegre, 1998. 154p. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

SCANLAN, T., SIMONS, J. Motivación en el deporte y el ejercicio. In: ROBERTS, G (Ed.) Psicología del deporte, Illinois : Desclée de Brouwer S.A., 1995.

SOBRAL, F. Desporto infanto-juvenil, prontidão e talento. Lisboa : Livros Horizonte, 1994.

TANNER, J. Growth at adolescence. Oxford : Blackwell Scientific, 1962.

TANNER, J. El hombre antes del hombre : el crecimiento físico desde la concepción hasta la madurez. México, D.F. : Fondo de Cultura Económica, S.A. de C.V., 1986.

TAVARES, O., DACOSTA, L. Estudos Olímpicos. Rio de Janeiro : Editora Gama Filho, 1999.

VARGAS NETO, F. Deporte y Salud. Las actividades físico-deportivas desde una perspectiva de la educación para la salud : síntesis actual. Barcelona, 1995. 426p. Tesis (Doctorado en Filosofía y Ciencias de la Educación) – Institut Nacional D'Educació Física, Univesitat de Barcelona, 1995.

VARGAS NETO, F. Iniciação e especialização esportiva de crianças. Ippon, São Paulo, ano 2, n. 11, 1ª parte, p.4-5, jun.-jul. 1997.

VARGAS NETO, F. A iniciação e a especialização esportiva de crianças. In: BECKER JR., B. (Org.). Psicologia aplicada à criança no esporte. Novo Hamburgo : Feevale, p.44-57, 2000.

VÁZQUEZ, B. El niño ante el mundo del deporte. Madrid : Fisis. INEF, 1992.

WEINECK, J. Biologia do Esporte. São Paulo : Manole, 1986.

ZAICHKOWSKY, L., MARTINEK, T. Growth and development : the child and the physical activity. St. Louis : The Mosby Company, 1980.

ZILIO, A. O conteúdo educacional do esporte. Movimento, Porto Alegre, n.1, p.6-9, set. 1994.